

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E COMUNICAÇÃO
Curso de Rádio e TV

Geisla Ramos Silva

A Agroecologia em São José dos Campos

São José dos Campos – SP

2020

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E COMUNICAÇÃO
Curso de Rádio e TV

Geisla Ramos Silva

A Agroecologia em São José dos Campos

Relatório de apresentado para o Trabalho de
Conclusão de Curso, Curso de Rádio e Tv da
Universidade do Vale do Paraíba.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vânia Braz de
Oliveira

São José dos Campos – SP

2020

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a minha avó Maria Pacífico Ramos, que apesar de não ter me acompanhado no processo, foi uma das pessoas mais importantes da minha vida. Dedico também aos meus pais que sempre me apoiaram e me deram forças para realizar todas as atividades relacionadas a graduação. Ao meu pai, Benedito de Fátima da Silva, em especial pelas conversas sobre o tema relembrando sua infância na roça, e a minha mãe, Ivone Pacífico Ramos Silva, por todo o amparo e auxílio em momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a todos os professores que me acompanharam durante esses anos de graduação, com todos os seus ensinamentos que me trouxeram ao lugar no qual estou, em especial agradeço a minha orientadora Vânia Braz de Oliveira por todo o suporte e atenção ao decorrer desses quatro anos, sobretudo neste último ano atípico de Pandemia.

E por fim, aos meus amigos e colegas da vida e de graduação que foram importantíssimos para troca de experiências, apoio e carinho.

“Solo sadio - Planta sadia - Homem sadio” (Ana Maria Primavesi)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem o propósito de relatar por meio um documentário, o cenário atual da cidade de São José dos Campos, no estado de São Paulo, da implementação de princípios agroecológicos, expondo o dia a dia dos produtores, a relação com o consumidor e projetos que buscam propagar os ideais e as novas perspectivas em relação ao desenvolvimento agrícola ecológico. Foram utilizadas pesquisas documentais e bibliográficas para o desenvolvimento do projeto, e realizadas entrevistas com produtores independentes e rurais, especialistas no assunto e representantes de projetos de incentivo. O produto audiovisual busca levar informação a população de maneira educacional, chamando atenção para a importância da recuperação e preservação da biodiversidade.

Palavras-chave: Agroecologia. Ecologia. Agricultura familiar. Produtores Rurais.

ABSTRACT

This course conclusion work aims to report, through a documentary, the current scenario of the city of São José dos Campos, in the state of São Paulo, of the implementation of agroecological principles, exposing the daily life of producers, the relationship with the consumer and projects that seek to propagate the ideals and new perspectives in relation to ecological agricultural development. Documentary and bibliographic research were used to develop the project, and interviews were conducted with independent and rural producers, specialists in the subject and representatives of incentive projects. The audiovisual product aims to bring information to the population in an educational manner, calling attention to the importance of the recovery and preservation of biodiversity.

Keywords: Agroecology. Ecology. Family farming. Farmers.

Lista de Quadros

Quadro 1 - Modelos de Agricultura Orgânica (Ao) e Agroecologia (Ae).....	p.18
Quadro 2 – Cronograma.....	p.69

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1. Agroecologia	13
2.2. Agricultura Familiar e a Agroecologia.....	15
2.3. Agroecologia e a Agricultura Orgânica	18
2.4. O surgimento das monoculturas e seus impactos ao meio ambiente	21
2.5. Documentário	24
3. METODOLOGIA CIENTÍFICA	29
4. MEMORIAL	31
4.1 Pré-Produção.....	31
4.2 Personagens.....	31
4.3 Pré-Roteiro.....	33
4.4. Estrutura do Documentário	36
4.5. Equipe e Funções.....	37
4.6. Lista de Equipamentos	37
4.7 Execução (Produção).....	37
4.7.1. Questionário base	38
4.7.2. Roteiro Final	40
4.8. Viabilidade	64
4.8.1. Viabilidade econômica (Orçamento)	64
4.8.2. Viabilidade Mercadológica.....	66
4.9. Finalização (Pós-Produção)	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68

CRONOGRAMA	69
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICES	74

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso se dedica a valorização da Agroecologia, em especial, na cidade de São José dos Campos, em virtude da falta de visibilidade que essa forma agrícola sustentável apresenta mundialmente, com a produção de um documentário abordando a temática na região. Foi executado por meio do olhar de pequenos produtores rurais da cidade e especialistas no assunto, relatando os efeitos dos alimentos produzidos com base nos princípios agroecológicos, como é realizado o cultivo e a visão da sociedade acerca do tema. Realizou - se ainda a identificação de projetos e organizações que trabalham em prol a agroecologia.

O Brasil começou a sofrer com o desmatamento e a falta de conservação do solo já em 1500, no período colonial, mas foi apenas na Revolução Verde que estes problemas ambientais ganharam importância (GRAZIANO NETO apud em DE ASSIS, 2002, p.9). Portanto, no Vale do Paraíba não foi diferente. A região teve suas terras desbravadas no período de colonização brasileira desde as rotas do ouro e dos engenhos de café, até a consolidação urbano-industrial (DEVIDE, 2013). A Mata Atlântica, principal ecossistema biodiverso da região e um dos biomas mais ameaçados do mundo que possuem prioridade para a conservação (LEAL; CÂMARA apud em DEVIDE, 2013, p.3), permanece, segundo Devides (2013), com poucas áreas extensas de sua formação natural e original.

Para reverter essa situação os princípios agroecológicos e os sistemas agroflorestais são fundamentais para a reparação dos danos causados tanto a Mata Atlântica quando a agricultura local, promovendo a restauração vegetal, agrícola e florestal. O problema ambiental é gerido através de políticas públicas, bem como a participação da comunidade local, científica, meios de comunicação e associação de ecologista para se ter maior número de pessoas engajadas, já que o crescimento do sistema agroecológico se faz de formas diferentes com base regional (DE ASSIS, 2005).

Sendo assim, este trabalho inicia-se com a abordagem do tema Agroecologia, apresentando quando ela surgiu, seus princípios, desafios e formas de adequação da agricultura convencional a essa agricultura sustentável. Depois, trata das relações entre a Agricultura Familiar e a Agroecologia, das diferenças e semelhanças dos

conceitos de Agroecologia e Agricultura Orgânica, do surgimento das monoculturas e seus impactos ao meio ambiente tratando também da questão das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), além de falar sobre a modalidade escolhida, o Documentário que será em sua maioria de modo expositivo.

O projeto conta ainda com a apresentação da metodologia utilizada focada em pesquisas bibliográficas e documentais que foram importantes para o desenvolvimento do projeto, paralelo a pré-produção do documentário. Depois, partiu-se para a parte de produção efetuando as entrevistas com as personagens, seleção das falas, edição e finalização, relatados mais adiante neste documento nos capítulos de Execução (Produção) e Finalização (Pós-produção).

De acordo com Guimarães e Guido (apud em MARCELLO; RIPOLL, p. 1046) “o cinema e as produções audiovisuais em geral (vídeos, programas televisivos, videoclipes) têm sido pouco estudados no campo da pesquisa em educação ambiental” o que torna relevante a produção de um material audiovisual com foco educacional sobre o meio ambiente e a biodiversidade. Desse modo, este trabalho pretende fazer parte do desenvolvimento agrícola sustentável da cidade de São José dos Campos, dando visibilidade aos produtores rurais e aos projetos locais que se destinam a divulgação dos hábitos agroecológicos, aproximando o consumidor dos produtores e promovendo maior envolvimento com a proposta.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico serão apresentadas as temáticas Agroecologia, as relações entre a Agricultura Familiar a Agroecologia, as diferenças e semelhanças entre as definições de Agroecologia e Agricultura Orgânica, o surgimento das monoculturas e seus impactos ao meio ambiente, Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) e a modalidade escolhida, o Documentário.

2.1. Agroecologia

A agroecologia surgiu no Brasil por volta de 1970, mas segundo Hecht sua origem é ainda mais antiga "O uso contemporâneo do termo agroecologia data dos anos 70, mas a ciência e a prática da agroecologia têm a idade da própria agricultura" (HECHT apud em DE ASSIS, 2002, p.11). Ela contrapõe o modelo de modernização da agricultura baseado na Revolução Verde, que sustentava a tese de que apenas o desenvolvimento técnico-científico solucionaria a questão da fome no pós Segunda Guerra Mundial (PORTO-GONÇALVES apud em ZIMMERMANN, 2009, p. 90-91), e é definida como uma ciência que investiga e atua para o restabelecimento do equilíbrio ecológico e um ambiente mais biodiverso.

Um agroecossistema é um local de produção agrícola - uma propriedade agrícola por exemplo - compreendido como um ecossistema. O conceito de agroecossistema proporciona uma estrutura com a qual podemos analisar os sistemas de produção de alimentos como um todo, incluindo seus conjuntos complexos de insumos e produção e as interconexões que os compõem (GLIESSMAN apud DE ASSIS, 2002, p.11).

Sistemas de produção baseados no conceito agroecológico priorizam o respeito aos processos naturais, Caporal e Costabeber (apud em DOS SANTOS et al., 2014, p. 39) afirmam que "agroecologia nos faz lembrar uma agricultura menos agressiva ao meio ambiente (...) a oferta de produtos limpos, isentos de resíduos químicos (...)", utilizando assim, apenas tecnologias naturais para combater as pragas

e aumento de produção. Altieri (apud em ABREU et al. 2012, p.146) indica quatro elementos necessários para um ambiente biodiverso: (1) o uso da cobertura vegetal; (2) fornecimento regular de matéria orgânica no solo para promover atividades bióticas; (3) os mecanismos associados ao ciclo de nutrientes tais como as rotações, agricultura integrada (consórcio) e o uso de leguminosas, e (4) regulação de pragas através de controle biológico e da biodiversidade e de inimigos naturais (OELOFSE et al. apud em ABREU et al. 2012, p.146). Sendo assim, a agricultura ecológica mantém a diversidade e ajuda a preservar a saúde do solo, que precisa se manter fértil para a permanência do ciclo natural agrícola (PRIMAVESI, 2002). Segundo Primavesi “A planta tira sua vida do solo e dá vida ao solo.”

Agricultores adeptos a esse tipo de produção, ainda de acordo com Altieri (apud em DE ASSIS, 2002, p.12), podem precisar do auxílio de aditivos químicos devido ao aparecimento de pragas ou deficiências do solo, e é capaz de ser feito de forma segura mantendo a saúde do solo e das plantas, sem fugir dos princípios agroecológicos.

(...) Além da luta contra as pragas, doenças ou problemas do solo, o agroecologista procura restaurar a resiliência e a força do agroecossistema. Se a causa da doença, das pragas, da degradação do solo, por exemplo, for entendida como desequilíbrio, então o objetivo do tratamento agroecológico é restabelecê-lo. O tratamento e a recuperação são orientados por um conjunto de princípios específicos e diretrizes tecnológicas. (ALTIERI apud em DE ASSIS, 2002, p.12).

Os sistemas de agroecológicos também devem ser socialmente justos, levando em consideração os fatores sociais, locais e culturais de cada região. O conhecimento da comunidade local sobre ecossistemas e tecnologias agrícolas naturais são essenciais para a criação de estratégias agroecológicas que vão de acordo com a realidade regional (ALTIERI apud em DE ASSIS, 2002, p.14) além de buscar expor a ela, “(...) formas alternativas de coexistência racional entre o homem e o ambiente (...)” (DE ASSIS 2005, p.180).

É necessário perceber a presença humana não como causa dos problemas ambientais da agricultura, mas sua atividade inadequada que, como tal, deve ser coibida, ou seja, modificada na sua forma de usar os recursos naturais. (DE ASSIS, 2005, p.180).

Por isso, a agricultura que tem como base a utilização de mão-de-obra familiar, se adequa mais facilmente as práticas agroecológicas sem grandes perdas financeiras e ambientais (DE ASSIS, 2002).

2.2. Agricultura Familiar e a Agroecologia

O termo Agricultura Familiar é relativamente recente na história brasileira (MANZANAL; SCHNEIDER apud em SCHNEIDER; CASSOL, 2013, p. 5). Três pontos foram importantes para o seu reconhecimento no país e são eles: a ascensão de movimentos sindicais no pós ditadura militar, ocasionando movimentos segundo os autores Schneider e Cassol, pró “crédito, melhoria de preços, formas de comercialização diferenciadas, implementação da regulamentação constitucional da previdência social rural” (SCHNEIDER; CASSOL, 2013, p. 5); deve-se ressaltar também o trabalho de pesquisadores, intelectuais e cientistas sociais que contribuíram com a pesquisa acadêmica dando espaço para o debate e o para criação de políticas públicas, como a criação do PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), um dos fatores marcantes para a consolidação da agricultura familiar no Brasil (SCHNEIDER; CASSOL, 2013).

O PRONAF surgiu em 1996 (Decreto nº 1.946) e possui quatro modalidades: “financiamento da produção, financiamento de infraestrutura e serviços municipais, capacitação e qualificação dos agricultores familiares e financiamento da pesquisa e extensão rural” (MATTEI apud em SCHNEIDER; CASSOL, 2013, p. 11). Baseados nele vieram outros programas como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), de 2004, para lidar com os problemas dos agricultores familiares relacionados ao comércio e acesso ao mercado, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) que prevê prioridade a compra de alimentos advindos da agricultura familiar, de pelo menos 30%, pelos municípios para a alimentação escolar (SCHNEIDER; SHIKI; BELIK apud em SCHNEIDER; CASSOL, 2013, p. 11), e ainda a lei da Agricultura Familiar (Lei 11.326, de 24 de julho de 2006) que impõe requisitos para determinar um produtor familiar:

Art. 3º Para os efeitos desta Lei, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;

II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;

~~III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento;~~

III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; (Redação dada pela Lei nº 12.512, de 2011)

IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família. (BRASIL, 2006)

O meio sustentável de agricultura sofre com a ascensão dos modelos agrícolas modernos, que fazem uso de tecnologias como maquinário pesado e aditivos químicos, bem como o volume de produção e comercialização que não é equivalente, o que levou muitas famílias a abandonarem terras e sistemas de produção ecológicos (GRAZIANO NETO apud em DOS SANTOS et al., 2014, p. 34). Agricultores familiares da região do Vale do Paraíba, por exemplo, apontam que a dificuldade de comercialização de produtos provocou a substituição do trabalho rural pelo urbano (MOTTA apud em DEVIDE, 2013, p.17).

Dados do Censo Agropecuário de 2017 mostram que há uma redução de 9,5% no número de estabelecimentos agropecuário que se enquadram como agricultores familiares em relação ao Censo de 2006. A área de ocupação deste tipo de produção consiste em 23% de toda a zona agropecuária do país. Também houve queda de no número de pessoas nessa atividade, cerca de 2,2 milhões , o que pode ser atribuído segundo o coordenador técnico do Censo Agropecuário Antônio Carlos Florido, a falta de interesse das novas gerações ao trabalho no campo, o que leva a redução dos membros familiares e de força de trabalho, levando a uma possível perda da classificação de atividade agrícola familiar, já que é um dos critérios é que ao menos metade da mão de obra seja da família. Além disso, a necessidade de

complementação de renda faz com que um ou mais integrantes procurem empregos fora (NERY, 2019).

No entanto, a agricultura de base familiar representa grande parcela dos alimentos que chegam a população diariamente: 8% do valor da produção de café e banana, 80% do valor de produção da mandioca, 69% do abacaxi e 42% da produção do feijão, além de ainda dispor 77% do conjunto de estabelecimentos agrícolas do Brasil, mas em uma área reduzida por ser uma atividade de pequeno porte, apenas 23% da área agrícola do país, restante pertence a sistemas não familiares de produção (NERY, 2019).

Já que, tecnologias agrícolas não relacionadas a ecologia como o agronegócio, não levam em consideração conceitos socioambientais por visarem o lucro e a produção em grande escala (GRAZIANO NETO apud em DOS SANTOS et al., 2014, p. 34) e além disso, o custo dos pacotes tecnológicos aos produtores familiares ser é alto, a opção é buscar adequação a maneiras alternativas de produção que não agridam o meio ambiente e proporcionem o desenvolvimento rural, uma vez que o sistema produção familiar apresenta “estruturas de produção diversificadas e com um nível de complexidade desejado, sem prejuízo das atividades de supervisão e controle do processo de trabalho.” (DE ASSIS, 2005, p.181). Por esses motivos, a agricultura familiar tem mais facilidade ao ajuste ao modelo agroecológico de produção (DOS SANTOS et al., 2014).

Os adeptos a agricultura familiar permanecem no campo contando com a sobrevivência por meio de conservação ecológica da agricultura e comercialização dos seus produtos diretamente com o consumidor. Por isso, é fundamental que exista institutos e feiras que promovam a divulgação e a distribuição dos produtos de origem agroecológica, buscando a autonomia do produtor, proporcionando maior visibilidade (DOS SANTOS et al., 2014), além de democratizar o mercado de produtos agroecológicos, distanciando-se da ideia de ser um produto para classes mais altas da sociedade (MEIRELES apud em DOS SANTOS et al., 2014, p.40).

2.3. Agroecologia e a Agricultura Orgânica

Os sistemas de produção baseados na agricultura orgânica se desenvolveram após a década de 1940, quando o avanço das pesquisas sobre a fertilidade do solo gerada por microrganismos e matéria orgânica feitas pelo agrônomo Sir Albert Howard originou uma alternativa sustentável que, assim como sistemas com base agroecológica, vão contra o uso de tecnologias químicas na agricultura. Esse sistema de produção cresceu sendo testado primeiramente na Índia e Espanha e se espalhou pelo mundo (SAMBUICHI et al., 2017a).

Apesar de ambos os sistemas, agroecológico e orgânico, terem como principal objetivo a eliminação do uso de fertilizantes e aditivos químicos, eles diferem em vários outros fatores como informa o quadro:

Quadro 1 - Modelos de Agricultura Orgânica (Ao) e Agroecologia (Ae):

	AO	AE
Paradigmas	Princípios da IFOAM - Paradigma ciências do solo	Conceitos científicos, da entomologia e da ecologia
Definição	Sistema geral de gestão agrícola e de produção de alimentos que combina as melhores práticas ambientais e um elevado nível de biodiversidade. < http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2007:189:0001:0023:ES:PDF >.	Estudo interdisciplinar e redesenho de sistemas agrícolas e agroalimentares
Princípios	IFOAM (2005)	GLIESSMAN (1999) (i) baixa dependência de inputs externos; (ii) uso de recursos naturais renováveis;

	<ul style="list-style-type: none"> - Equidade - Saúde - Ecologia - Justiça 	<p>(iii) mínimo de impacto adverso ao meio ambiente;</p> <p>(iv) manutenção da capacidade produtiva; Diversidade biológica e cultural;</p> <p>(iv) conhecimento da população local;</p> <p>v) satisfação das necessidades humanas.</p>
Conceitos de referências	Sistemas de produção; cadeias de valores.	Agroecossistemas e soberania alimentar.
Atores-chave	Produtores, consumidores, processos e certificadores.	Diversidade de produtores familiares e a relação com consumidores.
Modelos de referências	Sistemas integrados de policultivo e gado; horticultura periurbana; Biodinâmica, Orgânica, Ecológica.	Sistemas tradicionais multiestratificados. Iniciativas de sistematização de experiências contemporâneas.
Perspectiva de mudança	Focaliza a conversão dos produtores e suas redes profissionais de proximidade.	Focaliza sobre os níveis de transição (ERS) e sua inserção em sistemas agroalimentares.
Tecnologias	Uso de substâncias naturais e o não uso de transgênicos. Aceita se o uso de adubos químicos durante o período de conversão.	Valorização dos ciclos de nutrientes, práticas de proteção vegetal e possibilidades de uso de adubos químicos durante o período de conversão.
Biodiversidade	Impacto orientado (efeito das práticas sobre biodiversidade).	Recursos orientados (valorização da biodiversidade como fator da produção).
Alimentação	Qualidade dos produtos, saúde dos consumidores.	Sistemas agroalimentares e soberania alimentar.

Normas de produção	Regras de produção aceitas internacionalmente e nacionalmente.	Sem padrão internacional, regras aceitas localmente.
Certificação	Predomínio da Certificação por Terceira Parte (auditoria) atestada com selos.	Sistemas de garantia participativos, vendas diretas com controle social.

Fonte: BELLON, S. et al. apud em ABREU et al. 2012, p.145

De acordo com o quadro, as agriculturas têm, primeiramente, paradigmas distintos, a agroecologia apresenta como base a ecologia e a agricultura orgânica a ciência do solo. Autores (ALTIERI; GLIESSMAN; GUZMÁN CASADO et al. apud em ABREU et al. 2012, p.144) sustentam a ideia que a Agroecologia estuda processos de transição para uma agricultura mais sustentável podendo assim, variar seu nível de sustentabilidade quando segue os princípios (REIJNTJES et al.; GLIESSMAN, apud em ABREU et al. 2012, p.145-146): a) baixa dependência de inputs externos e reciclagem interna; b) uso de recursos naturais renováveis localmente; c) mínimo de impacto adverso ao meio ambiente; d) manutenção em longo prazo da capacidade produtiva; e) preservação da diversidade biológica e cultural; f) utilização do conhecimento e da cultura da população local; g) satisfação das necessidades humanas de alimentos e renda. Em contra partida a agricultura orgânica tem como princípios a equidade, saúde e justiça e em paradigmas da ciência do solo conforme a IFOAM (apud em ABREU et al. 2012) sendo vista por muitos autores como minimalista apenas por não utilizar agrotóxicos e aditivos químicos e seguir a lógica da chamada agricultura moderna de produção (ABREU et al. 2012), ou seja, a agroecologia busca ligar áreas como ciência, desenvolvimento social e econômico sustentável, visando uma harmonização social e ecológica, a agricultura orgânica tem como foco um alimento saudável para o consumidor, baseando - se em tecnologias naturais que mantenham o bem-estar de tudo que envolva a planta, como o solo (DE ASSIS, 2002).

Por esse motivo, o mercado de produtos orgânicos traz problemas como o constante suprimento de alguns alimentos muito consumidos, necessitando assim de aumento de produção por meio de sistemas modernos agrícolas como a monocultura e equipamentos externos; são exemplos que, “privilegiam fatores econômicos, em detrimento de questões agronômicas, ecológicas e sociais, desconsiderando o

princípio agroecológico de equilíbrio entre estes fatores, expondo assim ao risco a sustentabilidade do sistema” (DE ASSIS, 2002, p.19).

Todavia, como prática agrícola a Agroecologia e a Agricultura Orgânica muitas vezes têm seus fundamentos combinados ou misturados (ABREU et al. 2012). O autor Canuto (apud em DE ASSIS, 2002, p.19) afirma que há dois caminhos a se seguir a partir da agricultura orgânica: o que visa o capital e a venda para o mercado externo e o familiar como meio de produção e comercialização. É necessário a reaproximação do sistema orgânico de produção com a ecologia, procurando um equilíbrio entre os fundamentos deste meio e o agroecológico.

O que evidencia para Abreu et al. (2012) a importância dos modelos, sem um invalidar a existência do outro. Tanto a Agroecologia quanto a Agricultura Orgânica têm se desenvolvido e se tornam cada vez mais relevantes para a sociedade, meio ambiente e economia, principalmente quando se fala de agricultura familiar.

2.4. O surgimento das monoculturas e seus impactos ao meio ambiente

A monocultura é definida como sistema agrícola de produção que faz cultivo de apenas uma cultura, a exemplo da soja que é cultivada em larga escala atualmente no território brasileiro que, em sua maior parte, tem como objetivo a comercialização atendendo, principalmente, ao mercado externo (ZIMMERMANN, 2009). Ela ainda é conceituada como o pilar da agricultura moderna, a junção de tecnologias agrícolas como máquinas e pacotes químicos, produção em grande escala e em série. É oposto do que se prega em um meio agroecológico. Uma produção monocultora simplifica um agro ecossistema reduzindo a biodiversidade e passa seu domínio que era do pequeno produtor rural e o ambiente comunitário a um empresário que busca a concorrência de mercado e o lucro (FRANCO da SILVA apud em SILVA, 2011, p.4).

A origem deste meio de produção é do período colonial quando os países europeus colonizadores estabeleciam “plantations”, que tinham como suporte latifúndio, monocultura e trabalho escravo, nos países ocupados. A cana-de-açúcar foi uma das primeiras monoculturas de exportação estabelecidas no Brasil no século

XVI e se mantém até a atualidade, ao contrário do cacau e do café que causaram grandes problemas ambientais (o café afetando a região do Vale do Paraíba) (SILVA, 2011). Justamente por ser um meio euro-americano de produção, ele provoca consequências mais severas ao meio ambiente de países tropicais como o Brasil, em razão da maior necessidade de biodiversidade para que o equilíbrio da região seja mantido, e com a implantação da monocultura se faz então necessário o uso de químicos para a manutenção dessa harmonia, levando a problemas com a saúde pública, aumento da resistência e o desaparecimento de algumas variedades (ROMEIRO apud em ZIMMERMAMM, 2009, p.85).

Isso abala, principalmente, a segurança alimentar da população, que de acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura é definida como a “situação na qual todas as pessoas, durante todo o tempo, possuam acesso físico, social e econômico a uma alimentação suficiente, segura e nutritiva, que atenda a suas necessidades dietárias e preferências alimentares para uma vida ativa e saudável” (BELIK apud em ZIMMERMAMM, 2009, p. 90) e afeta, especialmente, grandes regiões exportadoras como Ásia, África, América Latina e Caribe (PORTO-GONÇALVES apud em ZIMMERMAMM, 2009, p. 90), Além da biodiversidade das espécies, muitas delas classificadas como PANCs (Plantas Alimentares Não Convencionais), que ficam fora do mercado e deixam de chegar à mesa das pessoas (FONSECA et al., 2017).

As Plantas Alimentares Não Convencionais (PANCs) são espécies de hortaliças não utilizadas comumente pela população, vistas muitas vezes como “pragas”, sendo assim dificilmente comercializadas. São comestíveis nativas, crescem espontaneamente em ambiente doméstico ou silvestre e foram excluídas da alimentação de grande parte da população por não serem produzidas constantemente pela agricultura convencional mundial (KINUPP; LORENZI apud em FONSECA et al., 2017, p.2). Comunidades mais antigas como as indígenas que mantêm maior parte de sua cultura intacta, tem o privilégio de ainda fazer uso dessas espécies, já que não passaram pela chamada modernização da agricultura da sociedade urbana (KINUPP apud em DA ROCHA et al., 2018, p.2) No Brasil, estima-se a existência de aproximadamente 3 mil PANCs (KELEN apud em LIBERATO et al., 2019, p. 104).

A dieta mundial é simplificada, dado que mais da metade das calorias consumidas derivam de somente quatro hortaliças: milho, soja, trigo e arroz, que são amplamente cultivadas em nível global, por conseguinte, as PANCs têm seus benefícios alimentares, cor, sabor e nutrientes menosprezados (POLLAN apud em FONSECA et al., 2017, p. 2).

Atualmente o aumento do consumo de produtos processados tem afastado a população de uma alimentação saudável levando a um consumo demasiado aliado ao desperdício. Os sistemas alimentares atuais estão sendo cada vez mais desafiados a fornecer alimentos adequados, seguros, diversificados e ricos em nutrientes necessários a uma alimentação saudável (FISCHER; GARNETT apud em LIBERATO et al., 2019, p.106).

Desse modo, a cultura do agronegócio é uma das responsáveis pela perda da variedade dos alimentos atingindo tanto a população em geral quando os produtores rurais/familiares e comunidades regionais ligadas a agricultura biodiversa (BALEM; SILVEIRA apud em FONSECA et al., 2017, p.2), o que torna importante a valorização de formas socioeconômicas, ecológicas e biodiversas de produção de alimentos, afim de cuidar da saúde das pessoas e do planeta sustentando sua capacidade produtiva.

A conservação da agro biodiversidade não é, entretanto, apenas uma questão ambiental. A segurança alimentar e nutricional de toda a população, o desenvolvimento rural sustentável, a inclusão social e o combate à fome e à miséria estão, direta ou indiretamente, relacionados à conservação e ao uso dos recursos da agro biodiversidade (SANTILLI apud LIBERATO et al.,2019, p. 5).

Na opinião de Conway, a segurança alimentar e nutricional da população necessita de um apoio do Estado que assegure o emprego tecnologias adequadas as conjunturas regionais, familiares e particulares de cada indivíduo, inclusão dos agricultores as pesquisas, tal como auxílio por meio de instituições, agências governamentais e organizações não-governamentais locais (CONWAY apud em ZIMMERMANN, 2009, p. 96-97). Além do mais, nós consumidores temos um papel importante na garantia da segurança alimentar e meios ecológicos de produção, porém ainda há desafios existentes:

A pressão dos grupos de consumidores com maior sensibilidade ecológica tem se traduzido num crescente mercado alternativo, mas ainda de alcance limitado, principalmente em virtude da controvérsia científica a propósito dos efeitos, sobre a saúde humana, do atual modo de produzir e também pelos custos ainda relativamente

elevados dessa produção alternativa (ROMEIRO apud em ZIMMERMANN, 2009, p. 97)

Para isso, o vídeo documentário é um forte aliado na divulgação e conhecimento tanto das PANCs quanto todos os outros assuntos abordados até aqui. Como afirma o documentarista Paulo Baroukh:

O documentário é uma poderosa ferramenta educacional, não só na transmissão do conhecimento como na formação da consciência crítica e fomentação de reflexão a respeito dos temas que apresenta.” (BAROUKH apud em ZANDONADE; FAGUNDES, 2003, p.41)

Ele ajuda a transformar concepções pré-estabelecidas pela sociedade.

2.5. Documentário

Apesar do cineasta Robert Flaherty ser reconhecido como um dos pioneiros do vídeo documentário ao registrar a vida cotidiana de esquimós do norte do Canadá no filme *Nanouk, o esquimó*, em 1922, o gênero só foi formalizado por volta de 1930, pelo escocês John Grierson. Segundo Luciana d'Anunciação “Grierson começou a formalizar e normatizar o documentário enquanto produto, atribuindo-lhe a função social de instrumento de educação das massas e de formação da opinião pública.” (D'ANUNCIAÇÃO apud ZANDONADE; FAGUNDES, 2003, p. 22). John Grierson produz no início século 20 um documentário clássico, representado por formas mais institucionais com “imagens rigorosamente compostas, fusão de música e ruídos, montagem rítmica e comentário em voz *off* despersonalizada” (Id. apud em FAGUNDES; ZANDONADE, 2003, p.17). O formato mais moderno é a mais explorado no vídeo documentário brasileiro desde a década de 1960, procura levar ao público uma discussão crítica acerca do tema, faz com que o expectador participe da obra.

Geralmente trabalha com fragmentos de uma realidade, buscando a reflexão e a compreensão aprofundada da questão abordada, deixando para o espectador o papel de relacioná-la com seu contexto histórico, econômico, político, social e cultural (ALTAFINI apud em FAGUNDES; ZANDONADE, 2003, p.17).

Manuela Penafria afirma que o documentário é “uma obra pessoal. O documentarista não deve ser visto apenas como um meio para transmitir determinada

realidade.” (PENAFRIA, 2001, p.7) É a visão de uma determinada realidade pelos olhos do documentarista, por isso ainda de acordo com a autora: “(...) fazer um documentário implica estabelecer uma relação de compromisso e uma relação de confronto com a realidade” (PENAFRIA, 2001, p.7), ou seja, o documentarista precisa ter compromisso com a ética envolvendo o tema do documentário e as personagens, bem como o confronto com a realidade que está relacionado ao discurso e formato da produção.

A visão do documentarista manifesta-se pelas escolhas que faz ao abordar determinado assunto e a imprevisibilidade inerente à realização/produção de documentários, entra em constante confronto com a certeza do ponto de vista adaptado, que o documentarista pretende transmitir (PENAFRIA, 2001, p.8).

Por isso, o gênero é uma forma de alertar a respeito fatos que ocorrem de forma despercebida na sociedade que necessitam de mais atenção e reflexão.

(...) incentivar o diálogo sobre diferentes experiências, sentidas com maior ou menor intensidade. Apresentar novos modos de ver o mundo ou de mostrar aquilo que, por qualquer dificuldade ou condicionalismos diversos, muitos não vêm ou lhes escapa, é então a principal tarefa de um documentarista (PENAFRIA, 2001, p. 7).

Além disso, o documentário representa, como ferramenta audiovisual, valorização do indivíduo ou de uma comunidade a fim de compartilhar suas virtudes e promover o desenvolvimento social e intelectual (FONSECA apud em FAGUNDES; ZANDONADE, 2003, p.40-41).

O audiovisual é um meio eficaz na mediação do processo de apropriação do conhecimento, porque comporta em sua composição vários elementos de linguagem que propiciam uma compreensão em vários níveis. Assim, podem facilmente desencadear associações que levam aos sentidos e aos significados (FONSECA apud ZANDONADE; FAGUNDES, 2003, p. 41).

Diversas maneiras de se fazer um documentário foram utilizadas nos últimos anos de acordo com Nichols, tendo cada uma de suas particularidades relacionadas a ética, tal como a voz como principal atributo (BAGGIO, 2012).

(...) aquilo que, no texto, nos transmite o ponto de vista social, a maneira como ele nos fala ou como ele organiza o material que nos apresenta. Nesse sentido, ‘voz’ não se restringe a um código ou característica, como o diálogo ou o comentário narrado. Voz talvez

seja algo semelhante àquele padrão intangível, formado pela interação de todos os códigos de um filme, e se aplica a todos os tipos de documentário (NICHOLS apud em BAGGIO, 2012, p.24).

As vozes do documentário são divididas em seis (poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático) e denotam como será a produção e como ela expressará determinado assunto a audiência. “Cada modo compreende exemplos que podemos identificar como protótipos ou modelos: eles parecem expressar de maneira exemplar as características mais peculiares de cada modo.” conforme expressa Nichols (NICHOLS apud em ARAÚJO, 2016, p. 106).

O primeiro, expositivo, é o formato clássico de documentário de acordo com Fernão Pessoa Ramos, e tem como principal característica o caráter explicativo. (RAMOS apud em BAGGIO, 2012, p. 24). É muito utilizado em meio televisivo e faz uso de voz em off, muitas vezes denominada de “a voz de Deus”. Segundo Nichols:

Esse modo agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética... Dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõe uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história (NICHOLS apud em RAMOS, 2012, p. 137)

O poético é o segundo modo e pode ser definido como subjetivo, valoriza a representação de sentimentos ao tom informativo “Esse modo enfatiza mais o estado de ânimo, o tom e o afeto do que as demonstrações de conhecimento ou ações persuasivas” (NICHOLS apud em BAGGIO, 2012, p. 24-25). Um exemplo desse modo de documentário é a produção *Elena* (2012) da cineasta Petra Costa, onde Petra conta a vida da irmã Elena de forma poética e emotiva, sendo assim chamado de artdoc (ARAÚJO, 2016).

O observativo é o terceiro modo, e representa um estilo de filmagem que limita o documentarista a espectador. Originados na França, Canadá e Estados Unidos o Cinema Verdade e Cinema Direto são exemplos desse estilo (RAMOS, 2012, p. 139).

Preconizava que o autor nunca devia interferir nos acontecimentos, não fazer uso de comentários, nem de entrevistas, nem de legendagens, nem recorrer à re-constituição dos eventos (PENAFRIA apud em BAGGIO, 2012, p. 25).

Com grande influência dos estudos de antropólogos participativos (RAMOS, 2012), este quarto modo, o participativo, tem grande presença do realizador na produção, ele está como afirma Nichols “na cena”:

Supomos que o que aprendemos depende da natureza e da qualidade do encontro entre cineasta e tema, e não de generalizações sustentadas por imagens que iluminam uma dada perspectiva. Podemos ver e ouvir o cineasta agir e reagir imediatamente, na mesma arena histórica em que estão aqueles que representam o tema do filme. Surgem as possibilidades de servir de mentor, crítico, interrogador, colaborador ou provocador (NICHOLS apud em RAMOS, 2012, p. 141).

Faz uso de entrevistas seguindo a ética participativo-reflexiva (RAMOS apud em BAGGIO, 2012, p. 25). Tem como precursor e principal modelo o documentário *Crônica de um verão* de Jean Rouch e Edgar Morin (1961) (RAMOS, 2012).

Evidenciando ainda mais o cineasta no documentário, o quinto modo é o reflexivo que pode, frequentemente, ser definido como metalinguagem (BAGGIO, 2012):

A reflexividade é uma forma de representação do documentário caracterizada pela revelação do processo de construção do filme, muitas vezes mostrando a interferência da equipe no momento da filmagem ou na montagem (NICHOLS apud em HOLANDA, 2006, p. 8).

Ademais, é comum desse estilo a “mistura passagens observacionais com entrevistas, a voz sobreposta do diretor com intertítulos (...)” mostrando o documentário como um redesenho da realidade. (NICHOLS apud em BAGGIO, 2012, p. 25).

Já o sexto modo, o performático, é o mais recente e atribuído por Fernão Ramos como pós-moderno (RAMOS, 2012). É rico em, como ressalva Nichols, expressividade:

(...) o documentário performático mistura livremente as técnicas expressivas que dão textura e densidade à ficção (planos de ponto de vista, números musicais, representações de estados subjetivos da mente, retrocessos, fotogramas congelados etc.) com técnicas oratórias, para tratar das questões sociais que nem a ciência nem a razão conseguem resolver. (NICHOLS apud em RAMOS, 2012, p. 146).

A questão do meio ambiente é abordada no audiovisual muitas vezes com o objetivo de causar impacto e comoção, não se preocupando com discussão ou argumentação do conteúdo, seguindo ao método ‘soco do estômago’ (KEHL apud em MARCELLO; RIPOLL, 2016, p. 1050). Logo, para esta produção será adotado, em

sua maioria, o modo explicativo, deixando por conta dos entrevistados a apresentação dos fatos, dados e curiosidades acerca do tema ao expectador de maneira educativa:

A característica essencial deste tipo de filme é a utilização de um texto apresentado através da voz em off de um narrador. Este, apesar de estar ausente da imagem, torna-se presente pela sua voz onipotente. Compete à locução fornecer uma explicação para as imagens que se veem no ecrã (PENAFRIA apud em BAGGIO, 2012, p. 24).

Deste modo, o documentário apresenta o tema de forma objetiva e sob uma nova visão, sobretudo levando em consideração o momento de Pandemia que levou a mudança de alguns processos e a valorização de outros como as pesquisas bibliográficas e documentais para a realização do projeto.

3. METODOLOGIA CIENTÍFICA

Este projeto foi desenvolvido a partir de metodologias de pesquisas bibliográficas baseadas, sobretudo em livros e artigos científicos, concedendo uma abrangência maior de dados.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (GIL, 2008, p. 50).

Bem como as pesquisas documentais, que é muito similar a bibliográfica, exceto pela origem das fontes, que como afirma Gil (2008, p.51) são: “documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc.”

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (GIL, 2008, p. 51).

Foram lidos textos e artigos como: “História ambiental do Vale do Paraíba (2013)” do autor Antonio Carlos Pries Devede. “Revolução Verde e a apropriação capitalista (2007)” dos autores Thiago Oliveira de Andrades e Rosângela Nasser Ganimi. “Agroecologia: Visão Histórica e Perspectivas no Brasil (2005)” de Renato Linhares de Assis. Relações entre agricultura orgânica e agroecologia: desafios atuais em torno dos princípios da agroecologia dos autores Lucimar Santiago Abreu, Stéphane Bellon, Alfio Brandenburg, Guillame Ollivier, Claire Lamine, Moacir Roberto Darolt, Pascal Aventurier. Da autora Karla Holnada: “Documentário brasileiro contemporâneo e a micro-história”. Dos autores Christiane Fernandes dos Santos, Elisabete Stradiotto Siqueira, Iriane Teresa de Araújo, Zildenice Matias Guedes Maia: “A Agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na Agricultura Familiar”. “O vídeo documentário como instrumento de mobilização social” de Vanessa Zandonade, Maria Cristina de Jesus Fagundes. “A educação ambiental pelas lentes do cinema

documentário” das autoras Fabiana de Amorim Marcello e Daniela Ripoll. Tal como “O ponto de vista no filme documentário” de Manuela Penafria.

Para dar continuidade ao projeto foram definidas as personagens e realizadas entrevistas por meio online, em vídeos chamadas com produtores rurais adeptos a agroecologia, especialistas e representantes de projetos que buscam a divulgação dos fundamentos agroecológicos na cidade de São José dos Campos no estado de São Paulo.

4. MEMORIAL

O memorial dedica-se a pré e a pós-produção do documentário apresentando o perfil das personagens, o pré-roteiro, o roteiro final a estrutura do documentário, a equipe e suas funções, a lista de equipamentos que foram utilizados, questionário base, roteiro final, a visibilidade financeira e mercadológica e especificações da pós-produção.

4.1 Pré-Produção

A produção de um documentário valorizando a Agroecologia na cidade de São José dos Campos veio da vontade de compartilhar os princípios, devido a sua importância não só ecológica e para a segurança alimentar da população, como para os próprios produtores. Com o intuito de ser um material que sirva, sobretudo, como fonte educacional, realizaram-se entrevistas, por meio online devido ao momento de Pandemia de Covid-19, com especialistas em agroecologia e meios de produção sustentáveis, identificados por meio de redes sociais e em eventos que ocorrem antes da Pandemia, produtores rurais adeptos aos princípios agroecológicos, além de projetos que apoiem o tema. As primeiras entrevistas que realizadas foram com os especialistas que deram base para as com os produtores, já que eles sugeriram a maior parte deles. Houve dificuldades de contato com alguns, mas por fim resultaram-se em três agricultores agroecológicos entrevistados.

4.2 Personagens

Para a execução do documentário foram entrevistados produtores agroecológicos da cidade de São José dos Campos, especialistas, representantes de

projetos de incentivo a agroecologia e consumidores, por isso este tópico traz a descrição e apresentação dessas personagens.

- **Produtores agroecológicos de São José dos Campos**

Pessoas de qualquer idade, que vivam da venda de produtos agroecológicos, residentes em zona rural da cidade de São José dos Campos pertencentes ou não a institutos de incentivo a agroecologia. Falam sobre a sua trajetória como produtores agroecológicos, o seu dia a dia, desafios, a comercialização de seus produtos e os benefícios desse meio sustentável agrícola.

- **Especialistas no assunto**

Especialistas em agroecologia, outros meios agrícolas e da questão ambiental como engenheiros ambientais, ambientalistas e pesquisadores da área, abordando a origem da agroecologia, comparando com os meios agrícolas convencionais, reforçando sua importância principalmente para a preservação da biodiversidade.

- **Representantes de projetos de incentivo a Agroecologia**

Grupos de apoio e incentivo a agroecologia e projetos que busquem divulgar hábitos e produtos sustentáveis como as Pancs, presentes na região de São José dos Campos, tratam as questões do auxílio a esse meio de produção, mostrando como são os projetos e seus resultados.

Altamir Bastos

Altamir Bastos é agricultor agroecológico de São José dos Campos e assentado de reforma agrária a 20 anos.

Ana Elena Muler

Ana Elena Muler é bióloga e joseense, faz parte do Instituto Baó e é coordenadora Associação Rede Apoena Vale do Paraíba.

Leandro Caffaro

Leandro é formado em engenharia ambiental e desde 2016 está na Estação Paz e Luz trabalhando com a permacultura e com a produção agroecológica.

Marcelo Cunha

Marcelo é engenheiro ambiental e técnico em agropecuária e trabalha atualmente com hortas urbanas, estando a frente de algumas hortas comunitárias, além de ser professor pela Fundação Cultural Cassiano Ricardo na oficina de cultivo de plantas em pequenos espaços, da aula sobre agroecologia para deficientes pelo programa Integra, participa da Organi-se e do Ecopátio na manutenção do Viveiro Fotossíntese.

Yuri Almeida

Yuri é formado em sociologia e trabalha com a produção agroecológica a 10 anos, está atualmente produzindo em Monteiro Lobato.

4.3 Pré-Roteiro

O documentário trata da agroecologia na cidade de São José dos Campos por meio de relatos de especialistas, representantes de projetos de incentivo a esse meio agrícola sustentável, produtores agroecológicos da cidade e consumidores. Apresentando seu contexto histórico na região, processos de produção, dificuldades

que os produtores enfrentam no seu dia a dia, a importâncias dos incentivos e seus efeitos ao meio ambiente, a saúde da população e a sociedade como um todo.

DOCUMENTÁRIO: A AGROECOLOGIA EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS ROTEIRO: GEISLA RAMOS	
VÍDEO	ÁUDIO
Imagens de plantas	SOBE TRILHA
GC – Ana Elena Muler	OFF/VIVO – ESPECIALISTA EXPLICANDO O QUE É A AGROECOLOGIA
GC – Leandro Caffaro	VIVO – PRODUTOR EXPLICANDO O QUE É A AGROECOLOGIA.
GC - Marcelo Cunha	VIVO – ESPECIALISTA EXPLICANDO A PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA FAZENDO UM PARALELO COM A PRODUÇÃO CONVENCIONAL.
Imagens de apoio produção agroecológica.	
GC – Altamir Bastos	VIVO – PRODUTOR FALANDO SOBRE OS DESAFIOS DE PRODUÇÃO
Imagens de apoio produção agroecológica.	

<p>Leandro Caffaro</p>	<p>VIVO – PRODUTOR FALANDO DO SEU DIA-A-DIA NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS AGROCOLÓGICOS NA CIDADE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS</p>
<p>Leandro Caffaro</p>	<p>VIVO – PRODUTOR EXPLICANDO COMO É A COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS</p>
<p>Ana Elena Muler</p>	<p>VIVO – FALANDO SOBRE O PROJETO E OS BENEFÍCIOS AO AGRICULTOR.</p>
<p>GC – Yuri Almeida</p>	<p>VIVO – FALANDO DOS BENEFÍCIOS DO INCENTIVO A AGROECOLOGIA</p>
<p>Marcelo Cunha</p>	<p>VIVO – RELAÇÃO DAS PANCS COM O MEIO ECOLÓGICO</p>
<p>Ana Elena Muler; Marcelo Cunha; Altamir; Leandro Caffaro; Yuri Almeida</p>	<p>VIVO – A IMPORTANCIA DA DIVERSIDADE PARA A MANUTENÇÃO DA AGRICULTURA SUSTENTÁVEL</p>

<p>Clipe de Imagens</p> <p>Ana Elena Muler; Marcelo Cunha; Altamir; Leandro Caffaro; Yuri Almeida</p>	<p>VIVO – A AGROCOLOGIA, MEIO AMBIENTE, SAÚDE E SOCIEDADE.</p>
<p>Créditos</p>	<p>SOBE TRILHA</p>

4.4. Estrutura do Documentário

O documentário será dividido em três atos. Sendo o primeiro, da introdução, o que explicará o conceito de agroecologia, segundo especialistas e produtores rurais, apontando as dificuldades desse modelo de produção como falta de incentivos e recursos fazendo um paralelo com a agricultura convencional de grande escala. O segundo referente ao desenvolvimento será mais focado nos produtores, expondo como funciona a agroecologia na cidade de São José dos Campos, como é o processo de adaptação a esse sistema ecológico, a recuperação do solo e espécies, tal como a comercialização dos produtos. No terceiro e último ato será abordado os projetos de incentivo e divulgação dos produtores agroecológicos e das Pancs, assim como os seus benéficos ao meio ambiente, a saúde e a sociedade como um todo.

4.5. Equipe e Funções

Roteiro: Geisla Ramos Silva

Produção Executiva: Geisla Ramos Silva

Produção: Geisla Ramos Silva

Direção de Fotografia: Geisla Ramos Silva

Iluminação: Geisla Ramos Silva

Montagem/Edição de Imagens: Geisla Ramos Silva

Finalização: Geisla Ramos Silva

Sonoplastia: Geisla Ramos Silva

4.6. Lista de Equipamentos

- 1 Notebook Lenovo Ultrafino Ideapad S145 i7;
- Webcam acoplada ao notebook;
- Software Zoom;
- Pacote Adobe.
- 1 Câmera Canon EOS Rebel SL2;
- 1 Bateria Canon;
- 1 Lente Canon 18-55mm f/4.5-5.6;
- 1 Cartão de memória 128GB.

4.7. Execução (Produção)

No período de produção foram elaboradas as perguntas que seriam feitas aos entrevistados e realizadas as entrevistas de forma remota pelo software zoom. Em alguns momentos a internet foi um empecilho, apesar disso o problema foi contornado e as entrevistas concluídas. As cinco personagens deram a autorização de utilização

da sua imagem para o documentário antes do início da entrevista, sendo toda a fala da autorização gravada. Abaixo está o questionário base utilizado com os participantes, bem como o roteiro final, base para a montagem e edição do produto audiovisual.

4.7.1. Questionário base

DOCUMENTÁRIO: A AGROECOLOGIA EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS DIREÇÃO/ EDIÇÃO/ ROTEIRO/ PRODUÇÃO: GEISLA RAMOS	
Entrevistados	Perguntas
- Altamir Bastos - Ana Elena Muler - Leandro Caffaro - Marcelo Cunha - Yuri Almeida	O que é a Agroecologia?
- Altamir Bastos - Ana Elena Muler - Leandro Caffaro - Marcelo Cunha - Yuri Almeida	Qual é o panorama da Agroecologia na região do Vale do Paraíba, especialmente na cidade de São José dos Campos?
- Altamir Bastos - Yuri Almeida	Antes da Agroecologia você praticava outras formas de cultivo como o orgânico ou o convencional?
- Ana Elena Muler - Marcelo Cunha	Qual a diferença entre a Agricultura Orgânica e a Agroecologia?
- Altamir Bastos - Ana Elena Muler - Leandro Caffaro	Quais as principais diferenças entre os efeitos da Agroecologia e da

<ul style="list-style-type: none"> - Marcelo Cunha - Yuri Almeida 	<p>Monocultura, assim como a Agricultura Convencional?</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Altamir Bastos - Ana Elena Muler - Leandro Caffaro - Yuri Almeida 	<p>Quais são as principais dificuldades no manejo e na comercialização devido a falta de incentivos?</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Altamir Bastos - Leandro Caffaro - Marcelo Cunha 	<p>A agroecologia ajuda no descobrimento e resgate das Plantas alimentícias Não Convencionais?</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Altamir Bastos - Ana Elena Muler - Leandro Caffaro - Marcelo Cunha - Yuri Almeida 	<p>Quais os principais benefícios da Agroecologia?</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Altamir Bastos - Ana Elena Muler - Leandro Caffaro - Marcelo Cunha - Yuri Almeida 	<p>Como podemos ajudar a impulsionar a Agroecologia na cidade de São José dos Campos?</p>

4.7.2. Roteiro Final

DOCUMENTÁRIO: A AGROECOLOGIA EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS DIREÇÃO/ EDIÇÃO/ ROTEIRO/ PRODUÇÃO: GEISLA RAMOS		
VÍDEO	TEMPO	ÁUDIO
Imagens produção agroecológica.	1”	SOBE TRILHA
Leandro Caffaro	2”	OFF - A AGROECOLOGIA É ESSA CIÊNCIA DA TERR, NÉ?
Imagens produção agroecológica.	6”	OFF - SERIA UMA FORMA ANCESTRAL, NATURAL,
GC – Altamir Bastos	12”	VIVO - USANDO TÉCNICAS, TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS, E TAMBÉM NO MEU PONTO DE VISTA NO SENTIDO QUE GERE O MENOR IMPACTO POSSÍVEL NO AMBIENTE.
LETTERING – Gere o menor impacto possível no ambiente.		
Imagens produção agroecológica.	24”	OFF - ELA É DOS POVOS ORIGINÁRIOS. ENTÃO, OS NOSSOS POVOS ORIGINÁRIOS DO BRASIL PRODUZIAM SEUS ALIMENTOS EM SISTEMAS AGROFLORESTAIS, E

<p>GC – Ana Elena Muler</p>	<p>36''</p>	<p>ATUALMENTE A GENTE TEM UM PROCESSO DE RESGATE, NÉ?</p> <p>VIVO - A SAÍDA DE UM MODELO DA REVOLUÇÃO VERDE, DE APLICAÇÃO DE INSUMOS, E A GENTE ESTÁ TENDO UM RESGATE DOS AGRICULTORES FAMILIARES QUE PASSARAM POR DIVERSOS TIPOS DE CICLOS, ENTÃO A GENTE PASSOU PELO GRANDE CICLO DO CAFÉ, AGORA A GENTE ESTÁ TERMINANDO O CICLO DO PASTO.</p>
<p>Imagens de áreas abandonadas e pastagem.</p>	<p>55''</p>	<p>OFF - A GENTE VÊ AS REGIÕES DO VALE DO PARAÍBA COM PASTAGEM E ÁREAS MUITO ABANDONADAS MESMO.</p>
<p>GC – Yuri Almeida</p>	<p>1'3''</p>	<p>VIVO - ACHO QUE ESSE ESPAÇO VAZIO TEM A OPORTUNIDADE DE CRIAR ALGO NOVO. UMA AGRICULTURA CALCADA EM OUTROS PARÂMETROS.</p>
<p>Ana Elena Muler</p>	<p>1'10''</p>	<p>VIVO – ENTÃO, ATUALMENTE A GENTE TEM PRODUTORES QUE ESTÃO RESGATANDO SUAS ÁREAS PRODUTIVAS E COMEÇANDO A PLANTAR ORGÂNICOS E</p>

		<p>AGROECOLÓGICOS. ENTÃO, EU VEJO UM MOVIMENTO CRESCENTE, TANTO DAQUELES QUE JÁ ESTAVAM NA TERRA E COMEÇAM A MIGRAR DE MODELO, QUANTO PARA OS QUE A GENTE CHAMA DE NEORURAIS, DAS PESSOAS MAIS JOVENS OU PESSOAS QUE ESTAVAM NO CENTRO URBANO E VOLTAM. ENTÃO, ESTÁ TENDO ESSE RETORNO PARA AS ÁREAS RURAIS.</p>
GC - Leandro Caffaro	1'40"	VIVO - SINTO QUE TRAZ ESSA RELAÇÃO DA SUBSISTÊNCIA DA ALIMENTAÇÃO, NÉ? PRIMEIRO PARA O AGRICULTOR E PARA A FAMÍLIA, NÉ?
Imagens de produção agroecológica.	1'48"	OFF - ESSA RELAÇÃO TAMBÉM DA ECOLOGIA, COMO A GENTE COLOCA ESPÉCIES FLORESTAIS NO SISTEMA, A GENTE A ACABA
Leandro Caffaro	1'57"	VIVO - CRIANDO QUASE QUE UM HABITAT NATURAL.
Ana Elena Muler	2'3"	VIVO - ELA ENQUADRA UMA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS FEITA COM UM OLHAR PARA A CONDIÇÃO DE SOLO, PARA A CONDIÇÃO DE RECURSOS

<p>LETTERING – Ela não gera apenas produtos, ela desenvolve processos.</p>		<p>HÍDRICOS DO LOCAL, TENTANDO RESGATAR ESSES PROCESSOS ECOLÓGICOS. ENTÃO, ELA NÃO É SÓ UM SÓ UM SISTEMA DE PRODUÇÃO, ELA NÃO GERA SÓ PRODUTOS, ELA DESENVOLVE PROCESSOS, ISSO É MUITO IMPORTANTE.</p>
<p>VT ABERTURA LETTERING - A Agroecologia em São José dos Campos</p>	<p>2'25"</p>	
<p>GC – Marcelo Cunha</p>	<p>2'35"</p>	<p>VIVO - A AGRICULTURA ORGÂNICA ELA É MAIS UMA QUESTÃO DE CERTIFICADO, AONDE UM PROPRIETÁRIO ELE PRECISA TER, ATENDER AS CONDIÇÕES.</p>
<p>Ana Elena Muler</p>	<p>2'44"</p>	<p>VIVO - ELA SEGUE TODO O PROTOCOLO DAS INS DO DECRETO, DA LEI, DAS INSCRIÇÕES NORMATIVAS QUE A GENTE CHAMA DE IN, E ELA ESTÁ BASTANTE MAIS FOCADA, NA QUALIDADE DO PRODUTO.</p>
<p>Imagens produção agroecológica.</p>	<p>2'57"</p>	<p>OFF - QUANDO A GENTE FALA DE AGROECOLOGIA, A GENTE AMPLIA ESSE CONCEITO. ENTÃO, A GENTE VAI FALAR</p>

<p>Ana Elena Muler</p>	<p>3'5''</p>	<p>COMO EU TROUXE UM POUQUINHO ANTES, VAI FALAR UM POUCO DA PARTE SOCIAL, DA PARTE AMBIENTAL, MAS É IMPORTANTE A GENTE SALIENTAR,</p> <p>VIVO - QUE EXISTEM PRODUÇÕES AGROECOLÓGICAS QUE PODEM NÃO SER ORGÂNICAS, PORQUE O PRODUTOR AINDA ESTÁ UTILIZANDO UM INSUMO QUE NÃO É PERMITIDO NA LEGISLAÇÃO ORGÂNICA. ENTÃO, ISSO PODE ACONTECER, É MUITO FÁCIL A GENTE ERRAR NISSO.</p>
<p>Marcelo Cunha</p>	<p>3'18''</p>	<p>VIVO - AS QUESTÕES ORGÂNICAS ELAS SÃO IGUAIS, NÉ? O CULTIVO ORGÂNICO QUE EU TENHO EU TENHO DENTRO DA AGROECOLOGIA, QUE SÃO OS CONSÓRCIOS, AS ADUBAÇÕES, OS CALENDÁRIOS, SÃO BEM PARECIDOS, MAS O QUE VAI DIFERENCIAR É ESSA RELAÇÃO QUE VOCÊ TEM COM O TODO, NÉ? ENTÃO, VOCÊ VAI TER AÍ, VOCÊ VAI OLHAR, VAI EXTRAPOLAR OS LIMITES DA SUA PROPRIEDADE, OS LIMITES</p>

<p>Ana Elena Muler</p> <p>LETTERING - Sistema Participativo de Garantia (SPG).</p>	<p>4'2''</p>	<p>DA SUA HORTA, PARA VOCÊ PODE ENGLOBALAR AÍ UM GRUPO E ESSE GRUPO PODER SAIR AÍ COM ESSE “CERTIFICADO”, TEORICAMENTE CERTIFICADO. BOM, AQUI DENTRO DO ECOPÁTIO EU TENHO ALGUMAS, UMA CERTIFICADORA DE SÍTIOS AGROECOLÓGICOS QUE É A APOENA.</p> <p>VIVO - A APOENA ELA NASCE NO INTUITO DE, EM CIMA DE UMA GRANDE PROBLEMÁTICA, QUE É A COMERCIALIZAÇÃO. ENTÃO, COMO OS PRODUTORES PODEM RESOLVER ESSA QUESTÃO QUE É UM GARGALO BEM GRANDE PARA A GENTE QUE É A COMERCIALIZAÇÃO. E AÍ ELES COMEÇARAM A ENTENDER QUE PARA PODER FAZER, DESENVOLVER UMA CADEIA DE COMERCIALIZAÇÃO MAIS LONGA ELES PRECISAVAM SE CERTIFICAR, E COMEÇARAM A ESTUDAR OS PROCESSOS DE CERTIFICAÇÃO QUE TEM NO BRASIL. AÍ, ELES ACHARAM QUE O QUE COMBINAVA MAIS, O QUE TINHA MAIS A VER COM O GRUPO, ERA O SISTEMA PARTICIPATIVO DE GARANTIA,</p>
--	--------------	--

<p>Yuri Almeida</p>	<p>4'58"</p>	<p>QUE É UM SISTEMA QUE É GRUPOS SE VISITAM E GERAM A CONFORMIDADE DO PROCESSO, NÉ? ASSIM QUE A GENTE FALA O TERMO TÉCNICO. E AÍ ATUALMENTE A GENTE TEM ESSA REDE, QUE É UMA ASSOCIAÇÃO, QUE ESTÁ TRAMITANDO DO MAPA UM PROCESSO PARA SE TORNAR UM SISTEMA PARTICIPATIVO.</p> <p>VIVO - A GENTE TAMBÉM ESTÁ EM PARALELO QUE NA MINHA OPINIÃO É TÃO IMPORTANTE QUANTO OU MAIS, COLABORANDO, DANDO ASSISTÊNCIA TÉCNICA UM PARA O OUTRO, LIDANDO COM FRETE, COM LOGÍSTICA, PARA A GENTE GANHAR ESCALA, PARA A GENTE CONSEGUIR MERCADOS, PARA AUMENTAR A PRODUÇÃO PARA AUMENTAR A RENDA DO PRODUTOR, PARA UM AJUDAR O OUTRO, UM TEM MAIS EXPERIÊNCIA ÀS VEZES EM LOGÍSTICA, AJUDA O QUE TEM MAIS EXPERIÊNCIA EM PLANTIO, E TEM ESSA TROCA TODA.</p>
----------------------------	--------------	--

<p>Imagem produção agroecológica.</p> <p>LETTERING – Agroecologia sozinho não é possível.</p>	<p>5'25"</p>	<p>OFF - AGROECOLOGIA SOZINHO NÃO É POSSÍVEL.</p>
<p>Marcelo Cunha</p> <p>LETTERING – Onde estão os agricultores agroecológicos de São José?</p>	<p>5'28"</p>	<p>VIVO - AONDE ELES SE CONCENTRAM, ESSES AGRICULTORES AGROECOLÓGICOS DE SÃO JOSÉ? ELES ESTÃO NA FEIRA DO VICENTINA ARANHA, ESTAVAM, ESTÃO AINDA, MAS ENTROU O CORONA VÍRUS E A FEIRA PAUSOU, MAS TODO DOMINGO TEM A FEIRA AGROECOLÓGICA DO VICENTINA ARANHA, E TAMBÉM ELES ESTÃO NA MERENDA ESCOLAR, ELES ESTÃO, EM OUTRAS FEIRAS DA CIDADE. ELES FAZEM O CSA QUE É A COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA, QUE É UM TIPO DE UM GRUPO QUE PARTICIPA E TEM AÍ OS CUSTOS DA PRODUÇÃO DIVIDIDOS, DILUÍDOS NOS COAGRICULTORES, AÍ OS COAGRICULTORES ELES AJUDAM A DISTRIBUIR, AJUDAM A PLANTAR, AJUDAM A COLHER, AJUDAM A CUIDAR.</p>
<p>LETTERING – Comunidade que sustenta a agricultura (CSA).</p>		

<p>LETERRING - Cultura do preço para o apressado.</p> <p>Leandro Caffaro</p>	6'14"	<p>VIVO - A GENTE FALA QUE É CULTURA DO PREÇO PARA O APRESSADO, PORQUE A GENTE SABE QUE O ALIMENTO.</p>
<p>Imagens agroecológicas.</p> <p>alimentos</p>	6'22"	<p>OFF - QUANDO CULTIVADO COM AMOR E CARINHO COMO A GENTE E VÁRIOS AGRICULTORES, REALMENTE TEM OUTRO VALOR.</p>
<p>Leandro Caffaro</p>	6'29"	<p>VIVO - É UMA NOVA RELAÇÃO DE QUEM PRODUZ COM QUEM ESTÁ SE ALIMENTANDO, DESSE ALIMENTO.</p>
<p>Marcelo Cunha</p>	6'37"	<p>VIVO - E TEM O INSTITUTO BAÓ QUE FAZ ESSA DISTRIBUIÇÃO DAS CESTAS DESSES AGRICULTORES. ENTÃO, EXISTE A DEMANDA O BAÓ CONCENTRA, EXISTE A DISTRIBUIÇÃO, ELE VENDE E PAGA DE UMA FORMA JUSTA O PRODUTOR.</p>
<p>Ana Elena Muler</p>	6'53"	<p>VIVO - UM DOS GRANDES OBJETIVOS É ESTABELECEER UMA CADEIA DE COMERCIALIZAÇÃO CURTA, QUE É ATENDA AQUI A REGIÃO, TRANSPARENTE, OU SEJA, ONDE O CONSUMIDOR SABE DE ONDE VEM O ALIMENTO DELE E</p>

<p>LETTERING - Não há muita barganha.</p>		<p>QUANTO QUE O PRODUTOR ELE PODE ATÉ SABER ISSO, NÉ? O QUANTO AQUELE PRODUTOR ESTÁ RECEBENDO POR AQUELE PRODUTO COMPRADO, NÉ? E PRO PRODUTOR NÃO HÁ MUITA BARGANHA, NÉ? O QUE A GENTE FALA, NÃO TEM MUITA DISCUSSÃO, NÃO FICA MUITA DISCUSSÃO DE VALORES. É UM VALOR QUE O PRODUTOR ELE CALCULOU LÁ E PARA ELE É AQUELE VALOR É VIÁVEL PARA VENDA DOS PRODUTOS DELE.</p>
<p>Marcelo Cunha</p>	<p>7'33"</p>	<p>VIVO - PORQUE A AGRICULTURA, ISSO EU QUERO FRISAR BEM PRINCIPALMENTE PARA AS PESSOAS QUE VÃO ASSISTIR ISSO. NÃO É FÁCIL. É DIFÍCIL.</p>
<p>LETTERING – Agricultura não é fácil.</p>		
<p>Imagens produção agroecológica.</p>	<p>7'42"</p>	<p>OFF - TEM QUE FICAR NO SOL, TEM QUE DEDICAR, NÃO EXISTE FERIADO PARA A PLANTA, NÃO EXISTE FINAL DE SEMANA.</p>
<p>Marcelo Cunha</p>	<p>7'48"</p>	<p>VIVO - E A GENTE TEM QUE VALORIZAR ESSAS PESSOAS, QUE PRODUZEM COMIDA PARA A GENTE. A COMIDA CHEGA NA NOSSA MESA POR CAUSA DOS PRODUTORES RURAIS. E</p>

<p>Imagens produção e alimentos agroecológicos.</p>	<p>9'4"</p>	<p>PEQUENAS ADAPTADAS PARA PEQUENAS ÁREAS.</p> <p>EU OBSERVO TAMBÉM A DIFICULDADE QUE A GENTE TEM DE TER ACESSO A ALGUNS MICRO NUTRIENTE,</p> <p>OFF - QUE SÃO FUNDAMENTAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PLANTA, DOS ALIMENTOS EM GERAL, E CONSEQUENTEMENTE, UMA BOA NUTRIÇÃO PARA QUEM VAI ESTAR SE ALIMENTANDO DESSE ALIMENTO.</p>
<p>Altamir Bastos</p>	<p>9'13"</p>	<p>VIVO - QUE SÓ VOCÊ PODE COMPRAR EM GRANDE QUANTIDADE, NÉ? E A GENTE PRECISA DE PEQUENÍSSIMAS QUANTIDADES. EU TERIA QUE COMPRAR UM SACO DE CINQUENTA QUILOS, MAS QUANTOS MIL REAIS É UM SACO DE CINQUENTA QUILOS? ENTÃO, É MUITO CARO A GRANDE QUANTIDADE.</p>
<p>Leandro Caffaro</p>	<p>9'30"</p>	<p>VIVO - AGRICULTURA CONVENCIONAL A GENTE FALA</p>

<p>LETTERING – Agricultura importada da Europa.</p> <p>Marcelo Cunha</p>	<p>9'34''</p>	<p>QUE FOI UMA AGRICULTURA IMPORTADA DA EUROPA.</p> <p>VIVO - PORQUE NA EUROPA O CLIMA É TOTALMENTE DIFERENTE, É TEMPERADO, NÓS AQUI NO BRASIL TEMOS UM CLIMA TROPICAL. ENTÃO, ATÉ O JEITO QUE A GENTE CUIDA DA TERRA É, CUIDAVA, NÉ? AGORA A GENTE ESTÁ FAZENDO A TRANSIÇÃO, É EUROPEU. O SOLO BRASILEIRO ELE É RICO EM VIDA, ENTÃO ELE FAZ A DECOMPOSIÇÃO DA MATÉRIA ORGÂNICA MUITO MAIS RÁPIDO DO QUE O SOLO TEMPERADO, EM CONTRA PARTIDA, O SOLO TEMPERADO, O EUROPEU, ELE É RICO EM NUTRIENTE, MAS ELE É POBRE EM VIDA. ENTÃO, PARA ELES É NECESSÁRIO DEIXAR DESCOBERTO, PORQUE PRECISA AQUECER, LÁ FAZ NEVE, LÁ FAZ FRIO, E ESSE AQUECIMENTO QUE VAI ATIVAR A VIDA DO SOLO EUROPEU.</p>
<p>LETTERING – O solo brasileiro é rico em vida.</p> <p>Imagem solo coberto.</p>	<p>10'15''</p>	<p>OFF - AQUI NO BRASIL A GENTE NÃO PODE DEIXAR O SOLO DESCOBERTO, MAS DE JEITO NENHUM.</p>

<p>Marcelo Cunha</p> <p>LETTERING – Puxando uma quantidade de nutrientes específicas desse solo.</p> <p>LETTERING – Esterilizando a vida que faz essa síntese, desses nutrientes mais complexos.</p> <p>LETTERING – Aumento na quantidade de água na produção.</p>	<p>10'18''</p>	<p>VIVO - PORQUE SENÃO A GENTE ESTERILIZA, NOSSO CLIMA É MUITO QUENTE, TEM SOL QUASE QUE O ANO INTEIRO, E ISSO VAI ESTERILIZAR A VIDA. QUANDO A GENTE FAZ ESSA QUESTÃO DA MONOCULTURA DE SOLOS DESCOBERTOS, A GENTE ESTÁ: PUXANDO UMA QUANTIDADE DE NUTRIENTES ESPECÍFICAS DESSE SOLO, ESTERILIZANDO A VIDA QUE FAZ ESSA SÍNTESE, DESSES NUTRIENTES MAIS COMPLEXOS PARA A PLANTA PODER ABSORVER. VAI AUMENTAR ABSURDO DE QUANTIDADE DE ÁGUA, A GENTE VAI DISPOR PARA NOSSA PRODUÇÃO. E AÍ, O MAIOR CONSUMIDOR DE ÁGUA NÃO SÃO, NÃO É A SOCIEDADE ASSIM DIZENDO: EU VOU TOMAR UM BANHO MAIS RÁPIDO, PORQUE ASSIM EU VOU ECONOMIZAR ÁGUA. NÃO. A GENTE TEM QUE ENTENDER QUEM CONSOME A ÁGUA DE VERDADE SÃO AS INDÚSTRIAS E A AGROPECUÁRIA, AGRICULTURA EM LARGA ESCALA E A MONOCULTURA, A QUESTÃO DA QUANTIDADE DE</p>
--	----------------	---

<p>LETTERING – A monocultura veio para fortalecer grandes empresas.</p>		<p>BOI QUE FICA AÍ DISPONÍVEL, PARA A GENTE PODER CONSUMIR. NÃO TEM NECESSIDADE DISSO TUDO. A GENTE CONSEGUE PRODUZIR COMIDA PARA DOZE BILHÕES, DE PESSOA NO MUNDO, HOJE A GENTE TEM SETE BILHÕES, ENTÃO, É QUASE QUE O DOBRO, ENTÃO É MUITO MAL DISTRIBUÍDO, A ALIMENTAÇÃO. ENTÃO, ESSA QUESTÃO DA MONOCULTURA ELA VEIO PARA FORTALECER AS GRANDES EMPRESAS.</p>
<p>Yuri Almeida LETTERING – Ultra financiamento público. LETTERING – Escala gigantesca.</p>	<p>11'35"</p>	<p>VIVO - O AGRONEGÓCIO BARATEIA MUITO PELO ULTRA FINANCIAMENTO PÚBLICO E PELA ESCALA GIGANTESCA.</p>
<p>Imagens produção Agroecológica</p>	<p>11'42"</p>	<p>OFF - SÓ QUE A ESCALA GIGANTESCA INCOMPATÍVEL COM A AGROECOLOGIA, PORQUE A DIMENSÃO SOCIAL AGROECOLÓGICA PREVÊ AS PESSOAS TRABALHANDO, NÉ?</p>
<p>Marcelo Cunha</p>	<p>11'50"</p>	<p>VIVO - A GENTE TEM AÍ QUAIS SÃO OS BENEFÍCIOS QUE A AGROECOLOGIA VAI TRAZER PARA O ESPAÇO</p>

<p>Imagens produção agroecológica.</p>	<p>11'56"</p>	<p>OFF – ENTÃO, A GENTE ESTÁ FALANDO AÍ DE QUALIDADE DA ÁGUA, QUALIDADE DO AR, QUALIDADE DO SOLO, QUALIDADE DE ALIMENTO, SER HUMANO SADIO, SER HUMANO QUE TEM AÍ UMA ALIMENTAÇÃO BÁSICA PARA ELE PODER FAZER AS OUTRAS TAREFAS DO DIA A DIA.</p>
<p>Imagens produção agroecológica. Yuri Almeida</p>	<p>12'12"</p>	<p>OFF - A AGROECOLOGIA É UMA PROPOSTA QUE ATACA NESSES DOIS PONTOS, NÉ? É ENVOLVER PESSOAS NO TRABALHO, TER OPORTUNIDADE DE TRABALHO, PRODUZINDO UM ALIMENTO DE QUALIDADE E AÍ ENFIM, AS PESSOAS CONSEGUINDO TER UM TRABALHO DIGNO, CONSEGUEM ACESSAR OS ALIMENTOS POR PREÇO JUSTO.</p>
<p>Marcelo Cunha</p>	<p>12'27"</p>	<p>VIVO - QUANDO A GENTE ESTÁ FALANDO DE AGROECOLOGIA A GENTE TA FALANDO DE DIVERSIDADE, QUANTIDADE DE PLANTAS QUE VÃO DENTRO DE UM CONSÓRCIO DE UM CANTEIRO, E TAMBÉM TEM A QUESTÃO DE VOCÊ SE COMPORTAR COM</p>

<p>Imagens de PANCS</p>	<p>12'58"</p>	<p>TRANQUILIDADE, COM AS PLANTAS ESPONTÂNEAS QUE NASCEM NO ESPAÇO, NÉ? TODA PLANTA ELA QUER DIZER ALGUMA COISA PARA VOCÊ. ENTÃO SE TEM UMA PLANTA QUE ELA TA EM EXCESSO NAQUELE SOLO, QUER DIZER QUE AQUELE SOLO TEM EXCESSO DE NUTRIENTE, FALTA DE NUTRIENTE.</p> <p>OFF - ENTÃO, AS PANC – PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS, SÃO PLANTAS BRASILEIRAS,</p>
<p>Marcelo Cunha</p>	<p>13'4"</p>	<p>VIVO - QUE A GENTE NÃO TEM ESSE CONHECIMENTO, A GENTE TA DESCOBRINDO AGORA, COM ESSE CONHECIMENTO, ISSO FOI PERDIDO, PORQUE A GENTE PERDEU O ELO COM A NOSSA ORIGEM, E ISSO PRECISA SER FALADO, PORQUE A PANC ELA TRÁS ESSA QUANTIDADE DE ALIMENTAÇÃO, DIVERSA PARA NÓS. IMAGINA, VOCÊ SABE MAIS OU MENOS QUANTOS TIPOS DE ALIMENTOS SÃO PRODUZIDOS, QUANTAS ESPÉCIES DE ALIMENTOS SÃO PRODUZIDAS BASICAMENTE?</p>

<p>LETTERING – 20 espécies.</p> <p>Imagens de PANCS</p> <p>LETTERING – 5 mil espécies.</p>		<p>VINTE ESPÉCIES. SABE QUANTAS PANCS EXISTEM? CINCO MIL. CINCO MIL. E A GENTE SÓ COME VINTE. E O QUE QUE ISSO QUER DIZER? QUER DIZER QUE A GENTE VAI TER UMA DEFICIÊNCIA NUTRICIONAL NO NOSSO CORPO.</p>
<p>Altamir Bastos</p>	<p>13'47"</p>	<p>VIVO - EU ACHO QUE ESSAS PLANTAS, NÉ? ELAS DEVERIAM SER CONSUMIDAS NATURALMENTE, ELAS NEM DEVERIAM, SINCERAMENTE, SER CHAMADAS DE PANC, NÉ? ACHO QUE SÃO NATIVAS, DO CONTINENTE AMERICANO, NÉ?</p>
<p>Marcelo Cunha</p>	<p>13'59"</p>	<p>VIVO - SÓ QUE O NOSSO PALADAR NÃO TA ACOSTUMADO. ENTÃO É MAIS AMARGO, É MAIS PICANTE TEM UM SABOR DIFERENTE E O QUE ISSO SIGNIFICA? SIGNIFICA QUE A GENTE TEM QUE AUMENTAR, NOSSA QUANTIDADE DE NUTRIENTE, E DE VARIEDADE E DIVERSIDADE NO NOSSO PRATO, PARA A GENTE ATENDER AS DEMANDAS DO NOSSO CORPO.</p>

<p>Ana Elena Muler</p>	<p>14'20"</p>	<p>VIVO - OS MAIORES PROBLEMAS, NA MINHA OPINIÃO, ATUAIS DO BRASIL ELES PODEM SER TRABALHADOS PELA AGROECOLOGIA QUE É:</p>
<p>Imagens agroecológicas.</p> <p>alimentos</p>	<p>14'25"</p>	<p>OFF - PRODUÇÃO DE ALIMENTOS DE FORMA DE QUALIDADE; RECUPERAÇÃO DO NOSSO SOLO, QUE A GENTE MATOU, NA AGRICULTURA CONVENCIONAL;</p>
<p>Ana Elena Muler</p>	<p>14'36"</p>	<p>VIVO - PLANTAR ÁGUA, NÉ? QUE UM DOS GRANDES FRASES DO ERNST GÖTSCH, QUE UM DOS NOSSO MESTRES AÍ DA AGROFLORESTAL, ENTÃO, ÁGUA SE PLANTA, ENTÃO A AGROECOLOGIA VEM NO SENTIDO DE RESGATAR ISSO TRAZER DE VOLTA AS NOSSAS NASCENTES, A NOSSA ÁGUA.</p>
<p>Marcelo Cunha</p>	<p>14'51"</p>	<p>VIVO - PARA ANGARIAR, PARA FORTALECER A AGRICULTURA, PRIMEIRO É RECONHECER, QUE ELA EXISTE. DE COMPRAR DELES, DE ENTENDER QUE ISSO É SAUDÁVEL, QUE ISSO FUNCIONA, VISITAR, MENCIONAR, DIZER E CUTUCAR,</p>

<p>Ana Elena Muler</p>	<p>15'14"</p>	<p>OS PODERES TÊM UM MONTE DE PODER ALI.</p> <p>VIVO - PORQUE QUANDO VOCÊ COMPRA UM PRODUTO DA AGRICULTURA FAMILIAR, QUANDO VOCÊ COMPRA UM PRODUTO AGROECOLÓGICO, É A MAIOR PULSÃO ATUAL QUE VOCÊ PODE DAR, PORQUE DAÍ ELE VAI TER RECURSO, OS RECURSOS ELES VÃO SURGIR PARA PODER FAZER OS CURSOS, O PLANEJAMENTO, PARA PODER FAZER GIRAR, ENTENDEU? PARA GENTE SAIR DE UMA ESCALA MUITO PEQUENA DE PRODUÇÃO, E A GENTE COLOCAR A AGROECOLOGIA</p>
<p>Imagem produto agroecológico.</p>	<p>15'36"</p>	<p>OFF - E A PRODUÇÃO ATUAL DO VALE DENTRO DE UMA, POR EXEMPLO DENTRO DA CRIAÇÃO DE</p>
<p>Ana Elena Muler</p>	<p>15'41"</p>	<p>VIVO - UM CEAGESP ORGÂNICO, POR QUE A GENTE NÃO PODE FALAR SOBRE ISSO? VAMOS MONTAR NOSSO CEAGESP ORGÂNICO, NÉ? NOSSO GRANDE CENTRO DE ABASTECIMENTO ORGÂNICO E</p>

<p>Yuri Almeida</p> <p>LETTERING – Aquilo que você consome é aquilo que você financia politicamente.</p> <p>LETTERING – Consumo é política, sempre.</p>	<p>15'55"</p>	<p>POPULAR. PARA QUEM, PORQUE, COMO QUE A GENTE PODE FAZER ISSO? O SEU PODER DE COMPRA.</p> <p>VIVO - AQUILO QUE VOCÊ CONSOME É AQUILO QUE VOCÊ FINANCIÁ POLITICAMENTE, NÉ?</p> <p>CONSUMO É POLÍTICA SEMPRE. ENTÃO QUANDO VOCÊ COMPRA UMA COISA TRANSGÊNICA, VOCÊ FINANCIÁ ESSA PROPOSTA.</p>
<p>Imagens produção agroecológica.</p>	<p>16'4"</p>	<p>OFF - VOCÊ COMPRA UMA COISA COM AGROTÓXICO, VOCÊ FINANCIÁ O AGROTÓXICO, QUANDO VOCÊ COMPRA DA AGROECOLOGIA VOCÊ FINANCIÁ ESSA UTOPIA QUE A GENTE ESTÁ TRABALHANDO, ESSA NOVA SOCIEDADE. ENTÃO EU ACHO QUE O CONSUMO É UMA COISA, MAS ACHO QUE QUEM TEM MAIS DISPONIBILIDADE PODE IR ALÉM, IGUAL VOCÊ POR EXEMPLO QUE TA FAZENDO AÍ A DIVULGAÇÃO DESSE TEMA, PODEM TER OUTRAS PESSOAS QUE PODEM TRABALHAR A DIVULGAÇÃO DENTRO DE SEUS TRABALHOS ACADÊMICOS,</p>

<p>Yuri Almeida</p>	<p>16'3''</p>	<p>VIVO - OU SIMPLEMENTE PARTICIPAR DIRETAMENTE, A REDE APOENA, POR EXEMPLO, TEM MEMBROS COLABORADORES, QUE PODEM COLABORAR COM A REDE DE DIVERSAS FORMAS.</p>
<p>Leandro Caffaro</p> <p>LETTERING – Produtos Acessíveis para todos.</p>	<p>16'42''</p>	<p>VIVO - TAMBÉM TEM UM GRANDE GARGALO QUE É O ACESSO A ESSES ALIMENTOS, NEM TODO MUNDO PODE COMPRAR PRODUTOS AGROECOLÓGICOS, GERALMENTE SÃO UM POUCO MAIS CAROS DO QUE OS CONVENCIONAIS. ACHO QUE UM GRANDE GARGALO TAMBÉM É CONSEGUIR QUE ESSES PRODUTOS SEJAM ACESSÍVEIS PARA TODOS, NÃO SÓ PARA QUEM TEM UMA CONDIÇÃO MELHOR DE RENDA.</p>
<p>Marcelo Cunha</p>	<p>17'7''</p>	<p>VIVO - NA PERIFERIA EXISTEM ÁREAS MUITO GRANDES QUE DÁ PARA SEREM CULTIVADAS, SÓ QUE ELES PERDEM ESSE ELO E AS PESSOAS NÃO CONSEGUEM CULTIVAR. TALVEZ O ALIMENTO AGROECOLÓGICO NÃO CHEGUE NELES COM UM PREÇO ACESSÍVEL, PORQUE PARA ELES</p>

<p>Altamir Bastos LETTERING – Todos, ou quase todos, teriam que produzir o próprio alimento.</p>	<p>17'27"</p>	<p>É MAIS FÁCIL COMPRAR A UM REAL O MAÇO DE COUVE, DO QUE PAGAR TRÊS REAIS NUM MAÇO DE COUVE. MAS SE ENSINAR ELES A PLANTAREM? EU ACHO QUE É POSSÍVEL, SIM.</p> <p>VIVO - EU SOU DA OPINIÃO QUE AS PESSOAS, TODOS OU QUASE TODOS, BOA PARTE TERIA QUE PRODUZIR SEU PRÓPRIO ALIMENTO. FAZER SUAS HORTAS. A GENTE TEM QUE A GENTE MUDAR ESSA ESTRUTURA, ESSA SOCIEDADE QUE ELA É INSUSTENTÁVEL.</p>
<p>Marcelo Cunha</p>	<p>17'44"</p>	<p>VIVO - A GENTE PRECISA DAR CONDIÇÕES DAS PESSOAS PRODUZIREM SUA PRÓPRIA COMIDA. E PARAR DE FICAR AÍ LUTANDO, PARA PODER</p>
<p>Imagens dos Alfaces</p>	<p>17'54"</p>	<p>OFF - COMPRAR UM ALFACE, UMA COUVE, PORQUE UM PÉ DE ALFACE EM TRINTA E CINCO DIAS VOCÊ ESTÁ COLHENDO.</p>
<p>Leandro Caffaro Imagens agroecologia no geral.</p>	<p>18'1"</p>	<p>OFF - DEPOIS QUE EU DESCOBRI A AGROECOLOGIA ME DEU MUITO SENTIDO DE VIDA E</p>

<p>Leandro Caffaro LETTERING – Muita terra na mão de poucas pessoas. LETTERING – E muitas pessoas aglomeradas nas cidades. Imagens agroecologia no geral.</p> <p>CRÉDITOS</p>	<p>18'7''</p> <p>18'23''</p> <p>18'35''</p>	<p>TAMBÉM DE COMO A AGROECOLOGIA PODE ESTAR DIRECIONANDO A NOSSA SOCIEDADE PARA OUTRO RUMO, NÉ? QUE HOJE A GENTE VÊ MUITO O AGRONEGÓCIO,</p> <p>VIVO - MUITA TERRA NAS MÃOS DE POUCAS PESSOAS, E MUITAS PESSOAS AGLOMERAS NAS CIDADES, NÉ?</p> <p>OFF - ENTÃO EU VEJO TAMBÉM A AGROECOLOGIA ESSA GRANDE FORÇA POLÍTICA TAMBÉM, NÉ? A GENTE PODE TA TRABALHANDO PARA A MUDANÇA SOCIAL E AMBIENTAL QUE A GENTE QUER NO BRASIL.</p> <p>DESCE TRILHA</p>
--	---	--

4.8. Viabilidade

O foco deste tópico é a especificação da viabilidade econômica e mercadológica do produto audiovisual.

4.8.1. Viabilidade econômica (Orçamento)

O processo de pré-produção, produção e pós-produção foram realizados quase que unicamente a distância por conta da Pandemia de Covid-19, por isso, acrescentados equipamentos não convencionais a produção de um documentário como software de chamada de vídeo. As demais informações foram adquiridas no site do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Cinematográfica e do Audiovisual dos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins e Distrito Federal (SINDCINE), no da locadora de equipamentos MOV locadora e FStop.

1. Pré-produção					
1. Equipe					
Item	Descrição	Quantidade	Unidade	Valor unitário	Valor total
1.1	Roteirista	1	Por Roteiro	R\$ 34.885,41	R\$ 34.885,41
1.2	Diretor	1	Semana	R\$ 4.249,85	R\$ 4.249,85
1.3	Produtor	1	Semana	R\$ 1.282,73	R\$ 1.282,73
1.4	Diretor de Fotografia	1	Semana	R\$ 2.805,60	R\$ 2.805,60
1.5	Operador de Câmera	1	Semana	R\$ 2.570,49	R\$ 2.570,49
Subtotal					R\$ 45.794,08
2. Equipamentos					
Item	Descrição	Quantidade	Unidade	Valor unitário	Valor total
2.1	Notebook Lenovo i7	1	Peça	R\$ 3.999,00	R\$ 3.999,00
2.2	Webcam acoplada ao notebook	1	Peça	R\$ 0,00	R\$ 0,00
2.3	Software Zoom	5	Diária	R\$ 0,00	R\$ 0,00
2.4	Pacote Adobe	1	Mês	R\$ 340,00	R\$ 340,00
2.5	Lente 18-55mm	2	Diária	R\$ 40,00	R\$ 80,00
2.6	Câmera Canon SL2	2	Diária	R\$ 130,00	R\$ 260,00
2.7	Bateria Canon	2	Diária	R\$ 20,00	R\$ 40,00
2.8	Cartão de memória 128GB	2	Diária	R\$ 25,00	R\$ 25,00
Subtotal					R\$ 4.744,00
3. Material sensível					
Item	Descrição	Quantidade	Unidade	Valor unitário	Valor total
3.1	HD Externo	1	Peça	R\$ 368,77	R\$ 368,77
Subtotal					R\$ 368,77
5. Produção					
Item	Descrição	Quantidade	Unidade	Valor unitário	Valor total
5.1	Alimentação	0	Diária	R\$ 0,00	R\$ 0,00
5.2	Transporte	4	Diária	R\$ 4,50	R\$ 18,00
5.3	Hospedagem	0	Diária	R\$ 0,00	R\$ 0,00
5.4	Seguro equipe e equipamentos	0	Diária	R\$ 0,00	R\$ 0,00
5.5	Extras de produção	0	Diária	R\$ 0,00	R\$ 0,00
Subtotal					R\$ 18,00
Pós-produção					
1. Equipe					
Item	Descrição	Quantidade	Unidade	Valor unitário	Valor total
1.1	Editor/ Montador	1	Semana	R\$ 2.805,60	R\$ 2.805,60
1.2	Editor de Som	1	Semana	R\$ 2.762,83	R\$ 2.762,83
1.3	Finalizador	1	Semana	R\$ 1.677,44	R\$ 1.677,44
1.4	Arte-finalista	1	Semana	R\$ 2.570,49	R\$ 2.570,49
Subtotal					R\$ 9.816,36
Etapa de Pré-produção e produção				R\$ 50.924,85	
Etapa de Pós-produção				R\$ 9.816,36	
TOTAL				R\$ 60.741,21	

4.8.2. Viabilidade Mercadológica

De acordo com dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2019) mostram que o número de produtores ligados a uma agricultura mais ecológica como a agricultura orgânica, indo de 5,9 mil em 2012 para 17 mil em março de 2019. Assim como as áreas produtivas que passaram de 5,4 mil para 22 mil de 2010 a 2019 (BRITO, 2019). Informações que demonstram o quão atual e em potencial expansão está a produção brasileira de alimentos voltada a ecologia e a biodiversidade.

O êxodo rural está pouco a pouco deixando de ser tão frequente e algumas famílias passaram a retornar ao campo e para a agricultura familiar, porém ainda é comum dentre os jovens de 15 a 29 anos. (CASTRO, 2016 apud em SAMBUICHI et al., 2017b, p. 296). Pesquisas recentes demonstram uma desaceleração nesse processo devido a políticas públicas (IPEA, 2016 apud em SAMBUICHI et al., 2017b, p. 297). A permanência e o êxodo urbano do jovem ao campo se torna necessária uma vez que é de suma importância que se mantenha a produção agroecológica e orgânica em sua maioria de origem familiar para: “ Termos gerações se sucedendo nessa missão é central para garantirmos a segurança alimentar que o Brasil vem conquistando (CASTRO, 2016 apud em SAMBUICHI et al., 2017b, p. 298)”

Posto isto, este documentário de cunho educacional tem como público-alvo a população urbana, mas com foco nos jovens adultos entre 15 e 29 anos, que fazem e farão parte da evolução ambiental do país.

4.9. Finalização (Pós-Produção)

Após a coleta de todas as entrevistas e opiniões de especialistas e produtores agroecológicos, iniciou-se o processo de decupagem e seleção dos trechos que seriam utilizados no documentário. Prezou-se por falas que se ligassem umas com as outras sem o auxílio de locução em off, mantendo-se ainda sim a compreensão da temática.

Depois, foram criados fundos que relacionam com o tema para redimensionar os vídeos das entrevistas, melhorando a estética e abrindo espaço para inserção de algumas frases ditas pelas personagens consideradas relevantes, tal como a estrutura do GC correspondendo ao visual escolhido, com duas fontes: uma principal e outra para detalhes no GC dos entrevistados na área que define sua ocupação, sempre preferindo branco e vermelho puxado para o marrom. As telas foram inicialmente criadas no programa Adobe Photoshop e finalizadas no Adobe After Effects em paralelo com a criação dos GCs.

Logo após, já com tudo planejado, foi montada a estrutura do documentário no programa Adobe Premiere, o áudio foi tratado a medida do possível para tirar alguns ruídos e ecos no Adobe Audition e as imagens corrigidas. Acrescentou-se as imagens de apoio da produção e dos alimentos agroecológicos buscando a conservação da aparência já pensada para o fundo, procurando manter o tom de vermelho terroso.

Finalmente, concluiu-se a edição com os créditos e as trilhas escolhidas no site [Áudio Library do Youtube](#) prezando pelas mais suaves e alegres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o conhecimento e entendimento dos impactos que os agrotóxicos e outras práticas ligadas a agricultura convencional, como a má manutenção do nosso solo causam a nossa saúde, nossa segurança alimentar e a nossa casa que é o planeta terra, sentiu-se a necessidade de se abordar o tema em uma produção audiovisual, afim de se expandir o tema aos mais diversos públicos, em especial o jovem que vive no meio urbano como já mencionado anteriormente neste trabalho.

A sua relevância foi diversas vezes reafirmada durante a produção do documentário pelos especialistas e produtores agroecológicos, expondo dados e vivências novas que agregaram ao produto final e fez com que ele deixasse de ter sua pretensão de duração inicial de um curta metragem (10 a 14 minutos) a um de média metragem (15 a 69 minutos) segundo o Manual de Trabalho de Graduação em Rádio e TV da Univap.

Como apontado nos objetivos os produtores agroecológicos foram localizados e agregaram ao projeto relatos da produção, como eles se mantêm em contato, buscando a certificação e trocando conhecimentos, além disso, narram o seu cotidiano na roça, o que mudou com o contato constante com uma produção biodiversa, a definição do público consumidor de alimentos agroecológicos e como é a relação com ele. Assim como os especialistas que fazem parte dos projetos de incentivo, os produtores definiram e demarcaram sua importância.

Por fim, o documentário também tem como finalidade despertar, assim como despertou a autora a vontade de auxiliar na transição agroecológica da cidade de São José dos Campos, por meio do consumo dos produtos, ou de maneira mais próxima participando dos projetos de incentivos e até mesmo se tornando um agricultor agroecológico. Ações essas que são as principais formas de aumentar a visibilidade desse modelo na cidade.

CRONOGRAMA

Quadro 2 – Cronograma

ATIVIDADE	2020											
	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	
Pesquisa Bibliográfica	■	■	■	■	■	■	■	■				
Pesquisa dos Personagens			■	■	■	■						
Entrevista com produtores rurais e independentes					■	■	■	■				
Entrevista com profissionais					■	■	■	■				
Mensuração dos resultados						■	■	■				
Produção do material audiovisual					■	■	■	■	■			
Revisão do Projeto									■	■		
Entrega Final										■		

REFERÊNCIAS

ABREU, Lucimar Santiago; BELLON, Stéphane; BRANDENBURG, Alfio; OLLIVIER, Guillame; LAMINE, Claire; DAROLT, Moacir Roberto; AVENTURIER, Pascal.

Relações entre agricultura orgânica e agroecologia: desafios atuais em torno dos princípios da agroecologia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 26, p. 143-160, Editora UFPR, 2012. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/26865/19676>> Acesso em: 21 de abril de 2020.

ARAUJO, Denize Correa. **Imagem-memória: Documentários-homenagem, autobiográficos e biopics**. Revista Comunicação Midiática (online), Bauru/SP, v.11, n.2, p.91-108, mai./ago. 2016. Disponível em <<https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/93/88>> Acesso em: 20 de maio de 2020.

BAGGIO, Eduardo Tulio. **Os modos de representação do cinema documentário e o realismo peirciano**, 2012. COGNITIO-ESTUDOS: Revista Eletrônica de Filosofia, ISSN 1809-8428, São Paulo: CEP/PUC-SP, vol. 9, nº. 1, janeiro-junho, 2012, p. 022-028. Disponível em <<http://200.144.145.24/cognitio/article/view/8074/7740>> Acesso em: 20 de maio de 2020.

BRASIL, **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm> Acesso em: 21 de abril de 2020.

BRITO, Débora. **Em 7 anos, triplica o número de produtores orgânicos cadastrados no Ministério da Agricultura**. 2019. Disponível em <<http://www.agroecologia.gov.br/noticia/em-7-anos-triplica-o-n%C3%BAmero-de-produtores-org%C3%A2nicos-cadastrados-no-minist%C3%A9rio-da-agricultura>> Acesso em: 30 de outubro de 2020.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia. Enfoque científico e estratégico**. Porto Alegre: Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, v.3, n.2, 2002 Disponível em <http://www.agraer.ms.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Enfoque_Cientifico_e_Estrategido_ADRS.pdf> Acesso em: 13 de fevereiro de 2020.

DA ROCHA, Yatagan Moreira; FARIAS, Hérica do Nascimento Sales; BARROS, Gustavo Galdino de Meneses; LOURENÇO, Eric Wenda Ribeiro; PEREIRA, Camila Pinheiro; BEZERRA, Alane Nogueira. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) utilizadas por comunidades indígenas e tradicionais brasileiras**. 2018. Disponível em <<https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-ced00a6a58cc4f82de71d6259678e759cf6a1dbc-arquivo.pdf>> Acesso em: 9 de abril de 2020.

DE ANDRADES, Thiago Oliveira; GANIMI, Rosângela Nasser. **Revolução Verde e a apropriação capitalista**, CES Revista, v.21, p. 43-56, 2007. Disponível em

<https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/revolucao_verde.pdf> Acesso em: 14 de março de 2020.

DE ASSIS, Renato Linhares. **Agroecologia no Brasil: Análise do processo de difusão e perspectivas**. 2002. Disponível em <https://orgprints.org/20910/1/Assis_Agroecologia.pdf> Acesso em: 11 de março de 2020.

DE ASSIS, Renato Linhares. **Capítulo 7 - Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**, Agroecologia: Visão Histórica e Perspectivas no Brasil. 2005. Disponível em <<https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/AgrobCap7ID-MWV9UkYXu0.pdf>> Acesso em: 14 de março de 2020.

DEVIDE, Antonio Carlos Pries. **História ambiental do Vale do Paraíba**. 2013. Disponível em <https://orgprints.org/24815/1/HISTORIA_AMBIENTAL_VALE_DO_PARAIBA.pdf> Acesso em: 08 de março de 2020.

DOS SANTOS, Christiane Fernandes; SIQUEIRA, Elisabete Stradiotto; DE ARAÚJO, Teresa Iriane; MAIA Zildenice Matias Guedes. **A Agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na Agricultura Familiar**, São Paulo, Ambiente & Sociedade, v. XVII, n. 2, p.33-52, 2014. Disponível em <https://orgprints.org/28545/1/Santos_a%20agroecologia.pdf> Acesso em: 26 de março de 2020.

FONSECA, Cristine; LOVATTO, Patrícia; SCHIEDECK, Gustavo; HELLWIG, Letícia; GUEDES, Amanda F. **A importância das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCS) para a sustentabilidade dos sistemas de produção de base ecológica**. Cadernos de Agroecologia, 2018, Vol. 13, Nº 1. Disponível em <<http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/167/1601>> Acesso em: 9 de abril de 2020.

FSTOP. Disponível em < <https://fstop.com.br/locacao-de-equipamentos/> > Acesso em: 16 de novembro de 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, 2008. Disponível em <<https://biblioteca.isced.ac.mz/bitstream/123456789/707/1/M%C3%A9todos%20de%20Pesquisa%20Social.pdf>> Acesso em: 28 de maio de 2020.

HOLANDA, Karla. **Documentário brasileiro contemporâneo e a micro-história**. Fênix, v.3, n.1, ano 3, p.1-12, 2006. Disponível em <<http://www.revistafenix.pro.br/PDF6/13%20-%20DOSSIE%20-%20ARTIGO%20-%20KARLA%20HOLANDA.pdf>> Acesso em: 23 de maio de 2020.

LIBERATO, Pricila da Silva; DE LIMA, Danielly Vasconcelos Travassos; DA SILVA, Geuba Maria Bernardo. **PANCs - Plantas Alimentícias Não Convencionais e seus benefícios nutricionais**. 2019. Disponível em <<http://www.environmentalsmoke.com.br/index.php/EnvSmoke/article/view/64/57>> Acesso em: 9 de abril de 2020.

MARCELLO, Fabiana de Amorim; RIPOLL, Daniela. **A educação ambiental pelas lentes do cinema documentário**, Ciênc. Educ., Bauru, v. 22, n. 4, p. 1045-1062, 2016. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v22n4/1516-7313-ciedu-22-04-1045.pdf>> Acesso em: 22 de maio de 2020.

MOV LOCADORA. Disponível em <<https://movlocadora.com.br/>> Acesso em: 26 de outubro de 2020.

NERY, Carmen. **Em 11 anos, agricultura familiar perde 9,5% dos estabelecimentos e 2,2 milhões de postos de trabalho**. 2019. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25786-em-11-anos-agricultura-familiar-perde-9-5-dos-estabelecimentos-e-2-2-milhoes-de-postos-de-trabalho>> Acesso em: 01 de maio de 2020.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papirus, 2005. Disponível em <<https://books.google.com.br/books?id=cbXPfI5YGm0C&printsec=frontcover&dq=bill+nichols&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiB79bnyr7pAhW3LLkGHXlrA9AQ6AEIPzAC#v=onepage&q=bill%20nichols&f=false>> Acesso em: 18 de maio de 2020.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**, 2001. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>> Acesso em: 12 de maio de 2020.

PRIMAVESI, A. **Cartilha do Solo**. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2006. Disponível em <<https://anamariaprimavesi.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Cartilha-do-Solo-Como-reconhecer-e-sanar-seus-problemas.pdf>> Acesso em: 25 de março de 2020.

RAMOS, Luciano. **Como explicar o ímpeto do documentário musical brasileiro?** Doc On-line, n. 12, 2012. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5382263>> Acesso em: 23 de maio de 2020.

SAMBUICHI, Regina Helena Rosa; SPÍNOLA, Paulo Asafe Campos; DE MATTOS, Luciano Mansor; DE ÁVILA, Mário Lúcio; DE MOURA, Iracema Ferreira; DA SILVA, Ana Paula Moreira. **Análise da construção da política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil**. 2017. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1071987/analise-da-construcao-da-politica-nacional-de-agroecologia-e-producao-organica-no-brasil>> Acesso em: 09 de abril de 2020.

SAMBUICHI, Regina Helena Rosa; DE MOURA, Iracema Ferreira; DE MATTOS, Luciano Mansor; DE ÁVILA, Mário Lúcio; SPÍNOLA, Paulo Asafe Campos; DA SILVA, Ana Paula Moreira. **A Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica no Brasil: Uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável**. Brasília, Ipea, 2017. Disponível em <

http://www.agroecologia.gov.br/sites/default/files/publicacoes/Politica-nacional_WEB.PDF > Acesso em 31 de outubro de 2020.

SINDCINE. Tabela de preços mínimos de prestação de serviços para Longa, Média, Curta Metragem e Documentários, 2019/2020. Disponível em <<http://www.sindcine.com.br/Store/Arquivos/tabela-longa-media-curta-e-documentarios-16-jan-2020.pdf>> Acesso em: 26 de outubro de 2020.

SCHNEIDER, Sergio. **Teoria Social, Agricultura Familiar e Pluriatividade**. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092003000100008&script=sci_arttext> Acesso em: 23 de abril de 2020.

SCHNEIDER, Sergio; CASSOL, Abel. **A Agricultura Familiar No Brasil**. 2013. Disponível em <https://www.rimisp.org/wp-content/files_mf/1434745041145AgriculturaFamiliarBrasilShneiderCassol_editado.pdf> Acesso em: 23 de abril de 2020.

SILVA, Carlos Eduardo Mazzetto. **Monocultura e conflito socioambiental**, 2011. Disponível em < https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/TAMC-MAZZETTO_SILVA_Carlos_Eduardo_-_Monocultura_e_conflito_socioambiental.pdf> Acesso em: 09 de abril de 2020.

ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. 2003. Disponível em <<http://bocc.ufp.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>> Acesso em: 04 de dezembro de 2019.

ZIMMERMANN, Cirlene Luiza. **Monocultura e transgenia: impactos ambientais e insegurança alimentar**. Veredas do Direito, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 79-100, Jul-Dez de 2009. Disponível em <<http://revista.domhelder.edu.br/index.php/veredas/article/viewFile/21/133>> Acesso em: 17 de maio de 2020.

APÊNDICES

Autorização estabelecimento

Autorizo, na qualidade de responsável/dono do estabelecimento, a gravação da obra audiovisual para fins do trabalho de conclusão de curso pela Universidade do Valeparaíba – UNIVAP.

Nome: Manab Vitor R. da Cunha

Data: 23/10/2020

RG: 46.933.676-8

CPF: 379.124.008-00

Telefone: (12) 9 8146-3651

Autorização de Estabelecimento Viveiro Fotossíntese

Autorização de Imagem

Eu *Marcelo Vitor P. da Cunha*, portador do RG *46.333.676-4* e CPF *379.524.008-00* autorizo a utilização da minha imagem e voz a ser vinculada no material em vídeo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso e projetos relacionados a este produto, sem limitação de tempo ou número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo material criado que contenha minha imagem e voz, pela FVE/UNIVAP, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD-ROM ("compact disc interativo"), Home vídeo, D, DAT ("digital audio tape"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via internet, independente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva FVE/UNIVAP, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei dos Direitos Autorais).

Data: *23/10/2020*

Assinatura: *Marcelo Vitor P. da Cunha*

Autorização de Imagem

Eu LEANDRO CAFFARO L., portador do RG 32335226-1 e CPF 356.408.522-35 autorizo a utilização da minha imagem e voz a ser vinculada no material em vídeo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso e projetos relacionados a este produto, sem limitação de tempo ou número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo material criado que contenha minha imagem e voz, pela FVE/UNIVAP, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD-ROM ("compact disc interativo"), Home vídeo, D, DAT ("digital audio tape"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via internet, independente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva FVE/UNIVAP, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei dos Direitos Autorais).

Data: 05/10/20

Assinatura: Leandro Caffaro de Almeida